ANO V NUMERO 33

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPICIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

JUNHO DE 1944.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

JOÃO ALPHONSUS DE GUIMARAENS

A NOSSA REVISTA se desvia, hoje, do caráter estritamente pedagógico de seus colaboradores, para prestar uma homenagem à memória de João Alphonsus de Guimaraens. Pois não será demais que atentemos um pouco na arte mineira e nos valores representativos dela, nós que nos dedicamos à educação da criança de Minas. E João Alphonsus foi, por muitos títulos, um artista e um mineiro. Artista que ficou nas páginas concisas e vivas de seus contos, mineiro que sempre foi na representação de nossas cousas e de nossa gente.

Partilhando com Minas a dor de perder tão cedo filho tão caro, publicamos dois trabalhos do escritor: um estudo sôbre poesia infantil, feito especialmente para o Grêmio Literário da Escola de Aperfeiçoamento, em fins do ano passado. E' um trabalho inédito, que vem revelar, talvez, aos seus companheiros de literatura adulta, mais uma face do seu espírito: voltada, esta, —como pai e pensador que êle era—para a alma e o gôsto infantis.

O outro, um conto tirado do último de seus livros. Visa, a sua reprodução, a aproximar de nós, professoras primárias, a beleza de seus escritos tão simples e tão humanos.

A lição que êle nos deixou — de sentimento, de compreensão, de simplicidade, — há de fixar a sua figura em nossa lembrança como já a fixou nas páginas da literatura nacional.

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO- PEDAGÓGICA

Registrada no D.I.P. sob o n. 14.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS

Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2-0267
Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . Cr$24,00
Assinatura especial para sócios da Associação Cr$18,00
Número avulso . . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

JOÃO ALPHONSUS DE GUIMARAENS 873

SOBRE POESIA INFANTIL — João Alphonsus de Guimaraens 875

MANSINHO — João Alphonsus 884

A ENCÍCLICA "DIVINI ILLIUS MAGISTER" — Maria Luiza Almeida Cunha 891

PRINCIPAIS PRODUÇÕES DAS ZONAS DE MINAS, PELO VALOR, EM 1931 — Petrina Santiago 893

A ARTE AGRÍCOLA — *Sua concepção entre nós e o esfôrço do Govêrno Getúlio Vargas pelo ensino agronômico* — Palestra do Prof. Daniel Antipoff 894

UMA VISITA À CANTINA DO GRUPO ESCOLAR "JOSÉ BONIFÁCIO" — Edmée Amaral, Vera Pereira, Niza Alí Ganem, Maria Seabra . . . 897

EDUCAÇÃO FÍSICA — Duimira Paiva 900

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO TRABALHO E A ESCOLA PRIMÁRIA — Abel Rafael Pinto . 903

IMPRESSA NA
GRÁFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
Av. Afonso Pena, 351 — Belo Horizonte

Sôbre poesia infantil

João Alphonsus de GUIMARAENS

E' sempre aconselhável a modéstia inicial dos conferencistas e não pretendo fugir a êsse recomendável costume. Isso porque me sinto na situação de um aluno mal preparado, a ser examinado por um número considerável de professoras. Embora as minhas examinadoras mantenham uma atitude e um silêncio de boa vontade, um exame é sempre um exame. Peço sinceramente desculpas pelo que houver de deficiente no meu exercício "para-casa", que a gentileza de um convite me impôs, convite a que eu não podia, não devia nem me desejava furtar. Felizmente não me convidaram para uma dissertação pedagógica, o que seria impossível ao examinando, tão afastado dêsses problemas. Entretanto, nem por isso me sinto mais livre de compromissos, quando penso que se espera de mim uma tarefa que não sei como realizar... Previno, apenas, que não pretendo fixar nitidamente um tema e que, anunciado que falarei sôbre poesia infantil, obedeço ao desejo de distrair; não à pretenção — pretenciosa — de ilustrar.

Poesia para meninos. Ou de meninos. Ao pensar nesse assunto, me lembrei de um poema de Manuel Bandeira, que fala em *lição de infância*. Manuel Bandeira é um poeta irremediàvelmente triste e foi encontrar uma lição de infância nos camelots que anunciam brinquedos nas ruas:

Abençoado seja o camelot dos brinquedos
[de tostão:
O que vende balõezinhos de côr
O macaquinho que trepa no coqueiro
O cachorrinho que bate com o rabo
Os homenzinhos que jogam box
A perereca verde que de-repente dá um
[pulo — que engraçado
E as canetinhas-tinteiro que jamais escre-
[verão coisa alguma
Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos :

— "O cavalheiro chega em casa e diz: Meu filho, vai buscar um pedaço de banana para eu acender o meu charuto. Naturalmente o menino pensará: Papai está maluco.

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis
com o tino ingênuo de de-
miurgos de inutilidades.
E ensinam no tumulto das ruas os mitos
[heróicos
da meninice...
E dão aos homens que passam preocupados ou tristes uma lição de infância.

Êsse poema, que data de dez anos talvez, de um tempo em que ainda existiam brinquedos de tostão, possui um fundo de melancolia que provém da própria condição dos vendedores de brinquedos, que ganham a vida nos dando inconcientemente uma lição de infância. Somente para os meninos, à vista dêles, do que fazem, do que dizem, é que não existirá êsse fundo melancólico. Para mim, êsse poema está ligado a uma recordação pessoal sem importância alguma, que peço licença para narrar. Há anos, quando os camelots ainda não eram tão freqüentes, no Rio, tomei um bonde e me sentei ao lado de um senhor maduro, de ar respeitável, muito sério e grave.

Não havia diferença entre êle e os outros homens maduros, sérios e graves, que iam no bonde. Mas o meu vizinho tinha sôbre os joelhos uma pequena mala. Ao dar com os olhos na mala, percebi, com verdadeiro espanto, que êle usava um saiote escossês. O contraste entre o saiote e a sua fisionomia cansada, até triste, era de um perfeito absurdo, de um humorismo pungente. Numa esquina do centro da cidade, êle desceu. E antes que o bonde se-

guisse, já estava gritando um anúncio qualquer. Não me lembro bem, mas parece que não estaria vendendo brinquedos. E m todo o caso, a sua propaganda visava o fundo da ingenuidade infantil que existe nas massas populares. Era, porém, profundamente triste, e nada mais do que triste.

Nos primeiros momentos, me pareceu que o poema de Manuel Bandeira deixara de resistir a uma revelação direta da vida. Mas com o correr do tempo, continuei a achar nesses versos, que não são para meninos, um incentivo para para a alegria. Há alí expressões definitivas. A gente extrai dêsse poema um incentivo para vencer o fundo de melancolia, inerente à própria vida, e se tornar um "demiurgo de inutilidades". E ensinar "Os mitos heróicos da meninice". E cultivá-los...

Não existem inutilidades para a curiosidade infantil. Vale dizer também — para a sensibilidade infantil. Numa experiência pessoal realizada de propósito no seio da família, notei que o poema dos camelots não impressionara quase ao meu filho mais velho, alí pelos seus sete anos. Pelo contrário, entregando ao João o volume dos versos de Manuel Bandeira, êle descobriu de-súbito uma outra poesia que lhe encheu as exigências poéticas. Não foi a recordação do poeta, do *Porquinho da India*, que vou ler:

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho da India.
Que dor de coração eu tinha
Porque o bichinho só queria estar debaixo
[do fogão
Levava êle pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais
[limpinhos
Êle não se importava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas
[ternurinhas...

—O meu porquinho da India foi minha primeira namorada.

Meu filho achou isso interessante, mas pouco convincente. Tema infantil tratado por um homem maduro. O que encantou o João foi o poema dos sinos, que começou a ler e a repetir em voz alta; várias vezes. Tôda vez que pegava no livro.

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!

Sino de Belém, pelos que ainda vêm.
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão... por meu pai?...
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por quem chora assim?

Como em todos os bons versos sôbre sinos, há aí os valores onomatopaicos de efeito sugestivo; mas o poeta jogou propositalmente com valores muito simples para atingir êsses efeitos.

Reparem que aí existem expressões de fundo triste, como

Sino da Paixão pelos que lá vão!

Outros se seguem no poema:

Sino da Paixão, — pela minha mãe!
Sino da Paixão, — pela minha irmã!
.. ..

matopéia. O que o atraía era exclusivamente a música dos versos, com os seus efeitos onomatopaicos. Mas daí, através dêsses efeito, a-pesar-de deficiência crítica da idade do apreciador, não podemos duvidar que ao ler a poesia, essas repetições muito simples, o balanceado das linhas caindo invariavelmente em sílabas tônicas fortes, o uso apropriado dos fonemas sugestivos em *em*, em *im*, sobretudo em *ão*, tudo isso não sugerisse ao menino justamente a existência real e encantatória dos sinos soando no ar alegre da meninice. No ar alegre, sim, embora, para o poeta Manuel Bandeira, aquêles sinos de sua terra natal estejam soando no ar sombrio, com a lembrança dos parentes mortos, com o receio da morte...

A lição que essa pequena experiência me trouxe é que a poesia infantil, ou melhor a poesia que agrade aos meninos, deve ser jjá não digo superficial, mas intencionalmente sensorial. Não devem ser desprezados os efeitos externos, materiais por assim dizer: senão a memetrificação, pelo menos um rítmo accessível, bem nítido. E sôbre tudo o efeito das rimas, usadas sem rebuscamento algum.

Aquêles versos sôbre sinos, Manuel Bandeira os fez com intenções de onomatopéia; mas o seu esfôrço artístico se orientou no sentido da mais absoluta, da mais simples... simplicidade. Note-se que o poeta jogou com valores propositadamente elementares, mostrando o objetivo de usar palavras ou combinações de palavras "cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada", consoante a definição de onomotopéia no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa.

Estamos bem longe dos efeitos puramente intelectuais, mais sutis, mais trabalhados, do mais famoso poema dos sinos, *The Bells*, de Edgar Poe. Não acredito que *The Bells*, pudessem agradar aos meninos de língua inglêsa, do mesmo modo *deficiente* com que *Os Sinos* de Bandeira podem agradar aos de língua portuguêsa.

Poe se lançou por outro caminho e os seus efeitos onomatopaicos iniciados com a repetição sugestiva das badaladas dos sinos, *the bells the bells, the bells*, recorrem até a neologismos que são intelectualmente interessantíssimos, mas que atacam de frente a rigidez tradicional da sua língua, como por exemplo, o verbo *to tintinabule, tintinabular*, e o substantivo *tintinabulation*. (A propósito, lembro aquí, entre parênteses, que encontrei num escritor francês, Huysmans, a propósito de sinos, o verbo *baomber*, que se poderia traduzir por *bãobar*, e que mostra um esfôrço para se aproximar do riquíssimo fonema português em *ão* muito melhor para repetir a voz dos sinos.)

Os Sinos de Edgar Poe possuem uma tradução famosa em língua castelhana, que a declamadora Berta Singerman tem revelado a numerosíssimas platéias. (E, ao dizer alguns versos aqui, peço desculpas ao meu auditório, de não ser propriamente um Berta Singerman...).

Possuem também uma tradução portuguêsa, de Mário de Alencar, na qual o tradutor se valeu de todos os recursos da nossa língua para conseguir os mesmos efeitos do original. Ou talvez maiores efeitos, porque, na minha ignorância, acredito que, talvez mais até que no castelhano, o português nos oferece sonoridade sugestivas. Um pequeno exemplo (sempre prevenindo que não se trata de declamação): Sinos de prata dos trenós:

...Pela tintinabulação tão musical que anima
Êsses sinos pequeninos,
Dlin, dlin, dlin,
Sinos, sinos argentinos,
Pelo tinque-tlinque, clinque, clinque, clinque, guisalhados pelos sinos|

Sinos de bronze, que alarmam:

...Pela raiva que entumece ou que amortece a voz dos sinos
Dos sinos, dos sinos, dos sinos,
Blem-Blem, blem-blem, blem-blem,
Dos sinos, dos sinos,

Pelo clamor, pelo clangor, pelo estridor
dos sinos:

Finalmente os sinos de ferro, de finados:

Ouve o dobrar dos sinos,
Férreos sinos!

Que mundo de solenes pensamentos acorda
[em nós o monótono som!

...Ao bão-bão, bão-bão dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,

Ao dobarar, dobarar dos sinos,
Ban-bão, ban-bão,
Bam-bam, bam,
Bam-bam-bão, bam-bam-bão,
Dos sinos que vêm e vão,
Ao gemido incontido, vertido, caído dos
sinos,
Baão, baão, baão.

Pode ser que essas sonoridades encantem os ouvidos infantis. Mas devemos nos lembrar que os meninos costumam ter, em matéria de letras e de artes, um senso do ridículo muito mais desenvolvido do que o nosso.

No poema de Poe, ao meu modesto parecer, existe um excesso de enfeites. E que denunciam um esfôrço intelectual muito apurado, de que os meninos geralmente desconfiam, ainda que possam conservar as carinhas aparentemente sérias — de respeito ao mais velhos.

E não vai nessas considerações nenhum desrespeito ao grande poema. O que me preocupa no momento é a alma infantil, sequiosa quase sempre, ou sempre, de simplicidade...

Até aqui, com a minha superficialidade costumeira, falei da poesia que nasce da fôrça encantatória das palavras combinadas em versos. E às vêzes, rimadas. Pode haver também muita poesia em prosa, isto é, para o meu tema, — na prosa das histórias infantís. A começar pelas histórias tradicionais, como *Branca de Neve e os Anões, Chapelinho Vermelho, As viagens de Gulliver, Ali Babá e os Quarenta Ladrões*.

E' preciso não esquecer a ligação íntima que existe hoje entre o cinema e o livro, tanto para a gente grande como para a gente miúda. O desenho animado propina um regresso salutar à infância, aos homens compenetrados e graves, incapazes de perder um minuto na leitura de um livro de histórias para crianças. No desenho animado, principalmente com Walt Dysney o cinema se tem revelado uma fonte de poesia.

E' notável a melhoria trazida às histórias pela necessidade de coração, se assim se pode dizer, característica das histórias modernas do cinema. *Capelinho Vermelho*, por exemplo. Não me recordo de tê-la visto no cinema. Mas sei de um livro (que li...), contando a sua história, modificada e ilustrada por Dysney. Confortadora compensação às crueldades do mundo, sabermos que a menina do chapéuzinho vermelho não só se salvou do lôbo mau, mas a sua avozinha se salvou também: escondeu-se num armário ,até que o lenhador da floresta ouvisse os gritos da menina. E' impressionante como essa gente antiga, para quem se fêz a história, ou para as crianças do seu tempo, não se importasse com permitir que o lôbo devorasse a velhinha, sacrifício inútil, pois a avó nada tinha que ver com a imprevidência ou a desobediência da neta. Para que? Não é bem melhor que avó e neta se salvem? Como se salvaram na história modificada por Dysney.

Confortadora compensação nos nossos dias, no nosso mundo exclusivamente humano, quando os lôbos maus andam desaçaimados.

Podemos extrair da história de *Chapelinho Vermelho*, a conclusão de que aos antigos só importava o fim, a moralidade final, a lição moral capaz de influir no espírito dos meninos desobedients, que não prestassem muita atenção às recomendações dos pais. Capazes de seguir um caminho, ainda que cheio de perigos, quando as mães lhes ordenassem seguir por outro mais se-

guro. Pouco importava aos antigos que ficassem algumas outras pessoas sacrificadas inútilmente, no desenvolvimento da narrativa.

Parece que partiam do princípio de que a ficção é sempre um fingimento do real — e que as crianças sabem disso tanto como nós. Ignoravam, ou fingiam ignorar, que a alma infantil pode viver mais, e sofrer muito mais, dentro da ficção, do que da realidade. Peço permissão para um exemplo. Outra experiência pessoal.

Certo dia, em casa, comecei a narrar a história de um gatinho para a minha filha Liliana, que teria, então, uns quatro anos. Uma narração improvisada. Perto dela estava o Fernão, com dois anos; mas não contava o caso para êle, nem mesmo reparava que êle estivesse me ouvindo, tão pequeno assim. Liliana se mostrava interessada, mas um pouco distante. Resolví, então, carregar nas côres tristes, para verificar a sua capacidade de interêsse, pronto a desmanchar a tristeza da narrativa ao primeiro sinal de mágoa na sua fisionomia.

Os donos do gatinho o haviam expulsado de casa, à noite. Estava chovendo e o coitadinho parara junto ao meio-fio do passeio, tremendo de frio. As águas da chuva quase o levavam... Liliana já se impressionara um pouco, mas estava longe de *sentir* ainda a tristeza do quadro. Foi quando, de repente, o Fernão, que estava ali sem ser observado, caíu num chôro convulso. E eu tive que o pôr no colo e lhe dizer, e repetir, que tudo era mentira, que não havia gatinho algum sofrendo assim...

Qual a conclusão a tirar daí? A conclusão principal não interessa ao conferencista, mas ao pai: o Fernão gosta muito mais dos bichos que a Liliana... Mas estava longe de mim a intenção de fazer qualquer dos dois chorar. E muito menos ao menor. Estava disposto a conduzir a narrativa sob aspectos tristes até que surgissem os primeiros sinais de sofrimento no rosto da minha menina.

Poderão me dizer que eu estava incorrendo no mesmo defeito das histórias antigas. Ao que responderei que tinha liberdade, como tive, para desfazer tôda a tristeza do caso, de um momento para outro. Ao passo que as histórias antigas têm vencido séculos sem que sejam modificadas certas cenas impregnadas de crueldades adultas... Crueldades inúteis que sempre me impressionaram. Nunca pude compreender, por exemplo, a necessidade da cena horrível do *Pequeno Polegar*, quando êste, por esperteza, para salvar os seus companheiros, fêz o gigante devorar os próprios filhos. O gigante era um perverso que merecia um castigo assim. Mas os seus filhos, gigantinhos ainda inocentes, tinham alguma culpa da perversidade do pai? Ao autor, porém, pouco importava a sorte dos filhos, desde que o pai ficasse castigado, e da maneira mais ampla possível, através do seu amor paterno — que se encontra até nos gigantes... Um meio primário de fazer justiça.

Essas velhas histórias se nos apresentam hoje muito mais poéticas. Porque, agora, estão sendo tratadas com bondade. A bondade como fonte de poesia. O mesmo acontece com outras, inventadas recentemente, como aquela encantadora fita do veadinho Bambi, de Walt Dysney. Infelizmente, foi impossível ali ocultar alguma coisa de mau; mas a maldade corre por conta dos homens. A mãe do veadinho morre vítima dos caçadores. Que cena de desamparo... Tôda a platéia do cinema sofreu com isso. Possível até que estivessem presentes alguns caçadores, arrependidos, ainda que momentaneamente, do mal que praticam... Lembremos ainda o susto das codornas, escondidas no capim, tão femininamente assustadas; apesar do conselho das mais velhas, algumas mais moças se afobavam, não se continham, acabavam voando — para serem mortas pelos tiros certeiros. A repulsa que causa a intervenção do bicho homem na floresta está bem significada na exclusão da sua imagem no filme: aparece ape-

nas como sombras malfazejas entrevistas ao longe...

Tais lições de poesia no cinema, quase sempre transplantadas para os livros, só nos podem vir, graças ao admirável progresso técnico dos Estados Unidos. Mas não somente devido a isso: também a um estágio de cultura, a um estado de saúde física e mental, que favorecem tais realizações artísticas, destinadas a pessoas de tôdas as idades. O norte-americano gosta de rir. Pessoa que conheceu Walt Dysney no Rio me informou que êle tem um jeito um pouco infantil, para dar grandes risadas, até para conversar.

Nasce daí, talvez, dessa capacidade de rir, de brincar, o conceito errôneo de certas pessoas graves, a respeito do norte-americano.

Um dos argumentos que tenho ouvido e que à primeira vista impressiona é o de que a maioria daquele povo atinge, no máximo, à idade mental de 14 anos. Parece que tal argumento, que ouvi de pessoa graduada dos meios forenses, deve ter-se espalhado devido ao livro do professor J. P. Porto Carrero, *Psicologia Judiciária*, que menciono aquí com as devidas desculpas: "Já citei alhures — escreve êle — o resultado dos estudos feitos nos Estados Unidos sôbre o grau de desenvolvimento intelectual; êsse estudo revelou que só 4,5% dos cidadãos norte-americanos atingia o grau de inteligência *muito* superior e 9% o de inteligência superior; os restantes foram classificados entre medíocres e inferiores; 70% tinham idade mental igual ou inferior a 14 anos; só 16% atingiam aos 15 anos da idade mental. Vê-se por aí que a grande massa da população é de indivíduos de inteligência inferior à normal: 70% dos norte-americanos atingem, quando muito, aos 14 anos de idade mental, limite máximo do desenvolvimento do débil, segundo Terman."

Estes dados podem ser encarados como... o defeito das estatísticas honestas, realizadas com rigor e franqueza, num país notavelmente alfabetizado. Mas, chocantes à primeira vista, já me deram oportunidade de contraditar uma demonstração da superioridade mental do nosso País, onde jamais se fizeram tais estatísticas. Lembrei apenas, a quem procurava me demonstrar essa superioridade com aqueles dados, que ninguém pode julgar a coletividade em que vive, segundo a idéia que faça de si mesmo, ou do círculo restrito de relações cultas com que têm contacto. Em seguida citei as próprias conclusões do professor Porto Carrero, com tôda a sua autoridade de estudioso de psicologia. "E' possível — conclui êle —, é possível que, como o brasileiro se julga o povo mais inteligente do mundo, êsses dados não se apliquem ao nosso meio; suspeito, porém, que as nossas cifras sejam alarmantes"... Não vai aquí nenhum intuito de diminuir um país ou outro. Apenas, quero significar que quando a média de idade mental num grande país é de 14 anos, nós todos temos o direito de ser um pouco menino...

Novamente me desviei do assunto principal, sem poder afirmar que o tenha feito por acaso, uma vez que o que estou lendo pode ser apressado e inútil, mas não tem nada de improvisação. Quero, entretanto, permanecer agora dentro da mais pura Poesia.

"E a Poesia cada vez tem de ser mais lírica, no polo oposto à associação de idéias", escreveu Mário de Andrade em 1931, em um ensaio agora incluído no seu livro *Aspectos da Literatura Brasileira*. Isso assusta, à primeira vista. A poesia, não ilógica, mas alógica. Talvez melhor — prelógica, não dependendo da associação de idéias para existir, para ser expressa e transmitida ao leitor, para ser, afinal de contas, poesia pura.

Uma poesia que não seja essencialmente de imagens literárias, ainda que possa recorrer a algumas imagens. Mas, também, que não seja essencialmente uma combinação arbitrária de palavras destinadas a transmitir um estado ético, como

simples reflexo do sub-consciente, ou de preconsciente, que foi a lição dos chamados poetas *surrealistes*, supra-realistas, acima da realidade comum, ambiciosos de revelar uma realidade profunda. Lição que foi aproveitada pelos poetas modernos, mas superada, isto é, dominada num sentido de disciplinar a torrente de inspiração que aquêles poetas proclamavam absolutamente liberta das necessidades lógicas, como livre mensagem do inconsciente. Criou-se,, por assim dizer, uma lógica sem prejudicar a inspiração.

Ainda que pareça muitas vezes o contrário ao nosso modo de julgar de acôrdo com o que está tradicionalmente estabelecido, trata-se de uma valorização da poesia, despojada de todo artifício. E talvez tornada um pouco impopular, ou bastante impopular entre nós, dentro da relativa e pequena popularidade das nossas coisas literárias... Está claro que, numa poesia que nasce de si mesma, independentemente da associação de idéias ou da combinação de imagens, feita de estados líricos -- assim como a música é feita de momentos musicais, destinados a um prazer estético, nessa nova concepção poética desapareceu a velha noção de poesia épica, de poesia descritiva, de poesia panfletária, humorística, etc. Tudo isso pode ser função do verso, isto é, de uma maneira de escrever diferente da prosa, para narrar feitos, paisagem, lutas de idéias ou de classes, à margem da poesia.

Aquí poderíamos entrar na diferenciação entre verso e poesia, metrificação e poema, debate já agora desnecessário, quando a poesia-lirismo está triufante. Quero apenas acentuar que o sobrepujamento dos elementos tradicionais da poética não implica a convicção, ou o convencimento, de que o passado não vale nem influe sôbre o presente.

Não há menosprezo aos valores legítimos do passado. A poesia metrificada e rimada não foi absolutamente, e alguns poetas a usam, e possivelmente muitos dos novos voltarão a ela, pensando reagir contra a lição da liberdade poética, mas se aproveitando da purificação provocada por esta. A instabilidade humana atua com o correr do tempo, mesmo dentro da literatura, e é um dos encantos da vida.

Mas permanecem, contudo, os valores eterno, entre os quais está a poesia como uma afirmação da sobrevivência espiritual.

Na poesia infantil, destinada aos meninos, seria necessário indagar até que ponto o sentido lógico das palavras importa aos meninos. Lembraria os chamados hinos escolares, cantados nas escolas. Costumam ser composições de gente grande, impostas aos meninos, cheias de palavras difíceis, que podem ter no máximo um sentido misterioso inatingível, de que os cantores sentem a distância, respeitosamente. Porque sejam assim, podem sofrer deformações supreendentes, como o exemplo que o professor Helí Menegale gosta de citar.

Já podeis, da pátria, filhos,
Ver contente a mão gentil

Percebeu-se que, em certa escola do interior ,ao que parece do sul de Minas, os meninos cantavam assim:

Japonês já tem três filhos,
Vê contente a mãe gentil.

Parece que isso tinha mais lógica para os meninos. Estes não ligavam própriamente ao que diziam, mas somente à música. Observe-se que aqueles versos, os do hino, embora não tenham palavras difíceis, estão numa indesejável ordem iversa. Ao passo que o que os meninos cantavam estava, pelo menos, na ordem direta, mais accessível a êles...

Considero uma circunstância salvadora, dentro das divagações que venho fazendo (salvadora para o conferencista), o lhes poder anunciar que teremos em breve um verdadeiro livro de poesia infantil: *O Menino Poeta*, de Henriqueta Lisbôa. E' a mais séria realização da poesia

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

moderna, aplicada ou dirigida à infancia, sendo uma mensagem poética tanto para a gente miúda, como para a gente grande.

Pela nossa natural tendência para as filiações intelectuais, poder-se-ia lembrar Rabindranath Tagore, com aquela profunda intuição da alma infantil, dos seus mistérios, dos seus sonhos, seus temores, amores.

Mas Henriqueta Lisboa realizou um livro seu, pela própria essência de sua poesia, dentro daquela lógica poética de que falamos. O primeiro:

O menino poeta
não sei onde está
Procuro daqui
Procuro de lá.

Tem olhos azuis
ou tem olhos negros?
Parece Jesus
ou índio guerreiro

.. ..

Mas onde andará
que ainda não vi?
Nas águas de Lambari,
nos reinos de Canadá?

Estará no berço
brincando com os anjos,
na escola, travesso,
rabiscando bancos?

O vizinho ali
disse que acolá
existe um menino
com dó dos peixinhos.

Um dia pescou
— pescou por pescar —
um peixinho de âmbar
coberto de sal.
Depois o soltou
outra vez nas ondas

Ai! que êsse menino
será, não será?
Certo peregrino
(passou por aqui)
conta que um menino
das bandas de lá
furtou uma estrêla.
trá lá li lá lá.

A estrêla num chôro
o menino rindo
Porém de repente
(menino tão lindo!)
subiu pelo morro,
tornou a pregá-la
com três pregos de ouro
na saia da lua.

Ai! que êsse menino
será, não será?
Procuro daqui
Procuro de lá

O menino poeta
quero ver de perto
quero ver de perto
para me ensinar
as bonitas coisas
do céu e do mar.

O desejo da poetisa foi atingido. Henriqueta Lisboa realizou um livro seu, onde vemos perpassar os mitos, os brinquedos, sonhos, temores, amores do menino poeta, muitas vezes delicadezas de menina, às vezes de dentro da alma infantil, às vezes pela adivinhação exterior dessa alma sequiosa de revelação, vale dizer, sequiosa de poesia. Mas tudo notavelmente condicionado — me perdoem palavra tão prosaica mas é a exata — condicionado ao nosso meio, às nossas coisas, à nossa alma brasileira.

Usando dos processos poéticos modernos, não obedecendo à metrificação rigorosa nem à preocupação absorvente das rimas, a poetisa soube, entretanto, permanecer dentro dos rítmos breves e simples de balanceamento musical accessível ao invés de usar os versos longos à feição dos versículos bíblicos, dos quais costumam abusar alguns poetas modernos, de inspiração religiosa. Assim, o livro ficou sendo também uma realização técnica poética, propria do gênero.

Justamente por essas qualidades *O Menino Poeta* pôde sofrer um teste de crítica autorizada. Submetí-o à crítica, infantilmente autorizada de minha filha Liliana. E, depois de ler todos os poemas, ela me veio dizer, num prodígio de síntese crítica, que havia gostado de todos... Insis-

ti para que destacasse um dêles e Liliana me apontou, com a sua autoridade especial, êste:

CORAÇÃOZINHO

Coraçãozinho
tic-tac
Reloginho de Papai
tic-tac
Vamos fazer uma troca?
tic-tac-tic-tac
Relógio fica comigo
tic-tic
dou coração a Papai
tic-tic-tac.

Podem bem imaginar como a escolha me agradou plenamente.

Termino com outra citação do professor Porto Carrero, no livro mencionado atrás. Para mostrar como é precária e incerta a avaliação do tempo de duração de um acontecimento, segundo a impressão de testemunhas, escreve êle "a avaliação dos pequenos espaços de tempo é inteiramente errada, para os não exercitados. Pouca gente sabe que bastam 45 segundos, para a recitação normal de um soneto decassílabo".

As testemunhas desta conferência, a-pesar-de toda a bondosa disposição de espírito com que começaram a me ouvir, devem estar calculando o tempo de acôrdo com o desinterêsse do que li. Seria melhor que não lhes revelasse o tempo decorrido, certo, como estou, de que, apesar-disso, ainda será maior do que o que calculam...

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

Mansinho

João ALPHONSUS

— Padre Manuel Carlos! Padre Manuel Carlos!

Ainda não eram seis horas e a névoa cobria todo o arraial, amaciando os ruidos matutinos, vozes de crianças nas ruas, gritos de criações nos terreiros. O chamado era estridente e assustado. O vigário, velho, tardo, pesado, surgiu à janela da pequenina casa paroquial.

— O burro morreu, meu padrinho. Deve ser picada de cobra.

— Hein?

— Encontrei o burro morto lá no pasto. Estendido no capim, mortinho... Deve ser picada de cobra.

— Hein?

Não era a surdez que fazia o vigário repetir tantas vezes a interjeição para o rapazinho preto parado junto à cêrca: era a comoção da notícia da morte de Mansinho, o seu burro. Houve um momento de suspensão de toda a vida entre o pretinho campeiro e o padre que, afinal, deixou a janela, saiu pela porta, atravessou o jardinzinho cheio de hortênsias e disse secamente ao ganhar a cancela da moradia:

— Vamos até lá.

— O senhor não está acreditando?

— Vamos até lá.

— Mas é longe, meu padrinho...

— Vamos!

O rapazinho não teve outro remédio senão acompanhá-lo silenciosamente, nas passadas que principiaram rápidas mas logo se foram tornando lentas, à proproção que venciam a distância e a altura. Acompanhando-o verdadeiramente se espantava do semblante doloroso do vigário, o que também não se explicaria apenas pelo esfôrço que aquela arrancada devia estar exigindo de seu velho e vasto corpo de sessenta e um anos de idade. O rapazinho campeador não compreendia, sobretudo, o sacrifício daquela caminhada. Se o animal tinha morrido, que é que ia fazer lá. Era deixá-lo para os urubús lá mesmo. Para que andar tanto. O semblante do padre Manuel Carlos vedava qualquer pergunta ou qualquer observação a respeito: era seguí-lo, e bem calado. Já tinham andado durante mais de meia hora, o rosto do padre se inundava de suor com a expressão invariavel de mágoa, e ainda teriam que andar muito naquele passo.

O burro se chamava Mansinho e já havia nove anos que lhe servia nas viagens, para missas nas capelas dos lugarejos da freguezia, para levar os sacramentos longe, para socorrer espiritualmente os moribundos. Não um burrico bíblico; mas alto, vigoroso, ainda não alquebrado pela idade. Seguia os caminhos dificeis das serras pedregosas ou dos vales alagadiços a um simples toque de redeas, sem nunca ser preciso usar a tala. Era forte e manso. Mansinho, diminutivo que não vinha do seu corpo, mas de tranquilidade perfeita. E inteligente, compreensivo, quase humano... Mas, muitíssimas vezes, padre Manuel já tinha tido a tentação de lhe dar integralmente êsse último qualificativo. Parecia um pecado, mas chegava a se perguntar intimamente se dentro daquela alimária haveria uma alma. Nos momentos dessa interrogação irreligiosa, verdadeira tentação diabólica a lhe deformar a sua noção teológica da alma, afastava enérgicamente tais pensamentos, e às vezes tinha que se afastar do burro para se desembaraçar da onda de ternura em que se via envolvido para com aquele amigo dedicado e resignado. Isso acontecia comumente depois de longas e pacientes caminhadas, quando olhava o moleque desarrear o animal cansado,

raspar-lhe o pêlo suarento, dar-lhe milho no embornal, e os olhos do asinino o fitavam gratos e compassivos, a êle padre que acabava de lhe explorar as fôrças através de caminhos longos, duros, acidentados. Havia uma luz de consciência no fundo daqueles olhos? Não havia coisa alguma! gritava no seu íntimo a reação contra essa fraqueza, e o vigário se afastava, ou pelo contrário, se o pretinho já havia acabado de tratar do burro, tangia-o para longe a taladas irritadas de que logo se arrependia...

Amigo dedicado e resignado: isto o padre sentia e proclamava livremente, sem ofender a Deus com aquele sentimento recíproco de estima entre o animal racional e o irracional.

Fôra mesmo a resignação do quadrúpede que gerara a estima logo nos primeiros dias em que o montava.

Escorregando numa estrada íngreme e lamacenta, Mansinh ofraturara uma das patas dianteiras num caldeirão formado pelas lenxurradas. Padre Manuel Carlos fizera o resto do caminho a pé, puxando-o pelo cabresto, sofrendo de vê-lo suster-se mal nas outras três patas, durante o percurso por atalhos que nunca antes lhe pareceram tão ásperos e dificultosos. Um curandeiro veterinário, ou curador como se dizia por alí viera a chamado do vigario, embora repugnassem a êste as suas artes endemoinhadas, tanto que teve que protestar com toda sua indignação evangélica contra as preliminares da cura, que consistiam na benzedura da pata. O velho mirrado, de voz mole e pigarrenta, deixara entender que a benzedura era uma espécie de anestesia regional e que, não fazendo,teriam e tiveram que amarrar bem o paciente, pegá-lo violentamente, imobilizá-lo estendido no chão. Quando o curador, depois de distender a pata do paciente, procurava ajustar brutalmente os ossos retificando a linha da canela, padre Manuel Carlos, só êle, dera toda a sua atenção ao som que saía de entre os dentes cerrados da vítima imbele, talqualmente ao que o asno produzia no esfôrço de uma subida muito forte: — som que se foi repetindo dolorido, tentativa teimosa de um gemido incapaz de se formar, mas que se mostrou melhor pelos olhos de súbito molhados: lágrimas!...

Tratamento demorado, marcado de resignação, durante o qual o sacerdote ainda tivera que suportar a basófia do homenzinho que atribuia a demora à proíbição de rezas adequadas; até que o burro ficara curado, apenas com um ligeiro desvio na pata atingida.

Nunca mais obrigara Mansinho a trotar depressa, nem tal seria necessário. As viagens do pastor de almas eram sempre feitas a passos lentos da montaria. Porém muitas noites, sendo o padre chamado para dar a Extrema-Unção a um moribundo, Mansinho parecia compreendê-lo e acelerava a marcha varando a sombra noturna. Chegavam depressa aos quadros da morte que cortavam o coração do padre, na região humilde e pobre, entre a gente paupérrima que fazia questão de morrer de noite como por pudor, como para ocultar o exagêro apoteótico de miséria dos ultimos instantes, nas palhoças infectas. Padre Manuel Carlos não era exclusivamente o médico das almas como muitos outros: assistia o moribundo e sempre deixava com a família um pouco do seu dinheiro. Se se tratava de um agonizante mal casado, só no civil, ou simplesmente ajuntado, o padre fazia um casamento de última hora perante o Deus da agonia. E se chegava tarde para casar um moribundo amancebado, nem por isso deixava de socorrer com um pouquinho de dinheiro à companheira enviuvada e aos filhos espúrios, certo de que naquele momento Deus já estaria perdoando todos os pecados do que morrera.

O pouco dinheiro que podia distribuir não o livrava de voltar para casa de alma lanceada pelo que vinha de presencear. Apeava na cancela e antes que o preto viesse desarrear o animal, Padre Manuel ficava parado e apoiado ao amigo, como incapaz de se suster sózinho.

— Quanta miséria no mundo, hein, Mansinho!

Sentia na sombra da noite ou à claridade do céu quando estrelado, os olhos compreensivos do amigo burro que voltava a cabeça ao escutar o seu

nome. Era a única criatura a que fazia tal confidência, empregando todas as forças na sua missão para com os homens, que era animá-los, socorrê-los com incentivos, prepará-los para a vida eterna, fazendo-os aceitar os sofrimentos como provações impostas por Deus no caminho do céu, evitando sempre mostrar-lhes aqueles instantes do seu desmantêlo moral diante de remediáveis indigências materiais do mundo.

O animal estava hirto e teso no chão junto a um cupim, com o pêlo rosilho eriçado, o focinho voltado para a vereda aberta no capim, por onde êles chegavam, os olhos voltados para a vereda como esperando que o padre viesse vê-lo; mas vítreos, inexpressivos, terrívelmente dilatados.

— Fecha os olhos dêle.

O moleque hesitou um segundo, diante de tanta exquisitice: pondo-se de cócoras, puxou com os dedos em pinça as pálpebras por sobre as pupilas negras porém as palpebras se encolhiam elasticamente quando os dedos as deixavam; olhou o vigario, esperando que êste estivesse ecompanhando o seu esfôrço ebediente e verificando assim a impossibilidade de cumprir a ordem. Entretanto padre Manuel Carlos, passeando o olhar pelo morto, apenas disse:

— Vamos enterrar êle... Aquí mesmo. Vai na roça do Chico Antônio e chama uns homens com as enxadas. Ah, êles não estão trabalhando hoje... Vai na fazenda do Chico Antônio e pede uns camaradas com as enxadas. Pode explicar pra quê que é. E vai depressa.

O negrinho saiu correndo. E quando voltou, depois de uma hora, com seis enxadeiros comandados pelo próprio Chico Antônio, dono da fazenda de Água Limpa, ainda estava o vigário junto ao asno morto, debaixo do sol já avançado.

— Bom dia, seu vigário.

— Benção.

— Benção, meu padrinho.

— Benção...

—Deus abençoe a todos.

— Deve ser picada de cobra, disse o fazendeiro, homem amarelo e quarentão, arrevesado e implicante, que talvez tivesse vindo só para constatar pessoalmente aquela exquisitice, pois com mal fingido interêsse verrumava com os olhos a cara do sacerdote. A gente pode procurar o lugar da picada.

Padre Manuel fez um gesto negativo, — de quem não lhe interessava a causa da morte. E acrescentou secamente:

— Só quero que o enterrem.

Abriram a cova larga e funda, trabalho moroso, pois dispunham só das enxadas para cortar e retirar a terra. O fazendeiro à medida que o buraco ia adquirindo a forma retangular, sentia uma repugnancia estranha em ter que enterrar um burro numa cova igual à dos homens. E murmurava baixinho a seus camaradas, com um sorriso meio escondido, que teria sido melhor mandar chamar o Deco, coveiro do arraial, — ao mesmo tempo êle próprio ia dando enxadadas nas bordas para destruir aquela forma regular de sepultura. O padre não dizia nada, passeando alhemente de cá para lá, entre o cupim e o morto, debaixo do sol alto, e enxugando de vez em quando o suor do rosto.

— Pronto, padre Manuel.

Êle aproximou-se e ordenou com um gesto que arrastassem Mansinho. Quatro homens o agarraram, pela cabeça, pelas patas, pelo rabo, atirando-o lá no fundo. O rosto do sacerdote estava mais suarento e mais pálido, à opressão de um combate intimo de que os circunstantes ignaros jamais desconfiariam. Seria mesmo uma impulsão do demonio? Ou de Deus, de um Deus de todas as criaturas, de todas as almas mais racionais, menos racionais, igualmente dignas de dó e de misericórdia? Pegando de uma enxada, o padre atirou na cova a primeira pá de terra, que tombou sôbre o ventre inchado com o mesmo ruído surdo que faz sôbre um caixão de defunto. Dentro de um zumbido de tonteira, soavam-lhe na cabeça as palavras que não queria pronunciar: — *Requiem aeternum dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei*... Liberto da opressão, mas extenuado, entreparou à beira do buraco, enxada em punho, e percebendo que os roceiros o espiavam interdi-

tos e curiosos, gritou-lhe àsperamente:

— Quem é que estão esperando? Andem com isso!

A terra começou a cair sôbre o corpo e o velho se afastou dizendo para o fazendeiro:

— O senhor manda lá em casa receber a paga do serviço.

— Ora, eu lá vou cobrar isto do senhor, padre Manuel?

Quando o velho se afastou sem se despedir nem lhes agradecer, o fazendeiro acrescentou:

— Caduquice. Caduquice da boa.

Ao passo que a terra era ràpidamente atirada sôbre Mansinho, padre Manuel Carlos ia andando devagar acompanhado pelo moleque. Devagar, castigado agora pelo sol a pino, na direção do arraial, cuja igrejinha já enxergava no alto, de légua e meia de distância. Teriam que descer muito, atravessar o córrego, tornar a subir, descer, subir... Devagar porém, mais leve e mais seguro. Quando chegou à margem do córrego, bebeu nas mãos numerosos goles d'água, e atravessou a pinguela de uma tábua sem corrimão, começando a subir de novo. No ar luminoso vibraram as badaladas de um sino, do sino grande de sua igrejinha. Era o sacristão que tocava meio dia. Meio dia... e êle se esquecera de dizer missa! Se esquecera pela primeira vez em toda a sua vida de padre. O sentimento da culpa enorme invadiu a sua alma e sangrou o seu coração engambelado pela tentação diabólica. Caíu de joelhos, curvando-se, confundindo-se com o pó:

— Perdão, meu Jesús! Perdão, meu Deus de misericordia! Perdão, gloriosa Sant'Ana!

Durante mais de três meses padre Manuel Carlos experimentára exercer o sacerdócio sem o auxílio da montaria. Os fieis abastados, residentes longe, já se haviam amoldado à situação, e quando careciam de seus cuidados espirituais, mandavam-lhe um animal para se locomover a cavalo. No entanto sua freguesia era grande e paupérrima: poucos podiam lhe facilitar a locomoção. Havia muitos lugarejos espalhados pelas distâncias, com capelas aonde antes êle ia dizer missa de longe em longe, oportunidade para celebrar matrimônios, para provocar o casamento dos mal casados, para batizar tantos meninos, Os casais estariam se juntando simplesmente, por falta de padre; os mal casados continuavam assim; os meninos estavam pagãos, e como morriam muitos, eram tantas pequenas almas para o Limbo... Dentro de um espaço de duas, de três léguas, afim de socorrer um moribundo, ainda tentava ir a pé, para sofrer a decepção de quase sempre chegar tarde. Morria-se sem confissão, sem os santos óleos!

Deliberou então amealhar dinheiro para adquirir um novo burro. E com cinco meses de economia tinha oitenta e cinco mil réis, quantia ridícula para quem precisava de uma alimária grande e resistente, capaz de conduzir o seu vasto corpo e de vencer assim longas distâncias. Buscava sempre se informar sôbre quem pudesse ou quisesse vender um cavalo ou um burro, de preferência êste, mais duro e pacato. Chegou-lhe um dia a notícia de que o mesmo fazendeiro Chico Antônio declarara que venderia por qualquer preço o burro que tinha para seu uso pessoal, novo e vigoroso, de pêlo queimado e uma estrela preta na testa, animal em que o padre já o vira montado a fazer viagens dominicais no arraial: vendê-lo-ia por qualquer preço porque Estrelado dera para empacar, talvez num capricho de excesso de trato; e como o fazendeiro houvesse tentado desempacá-lo a esporadas irritadas e taladas na cabeça, o burro atirára-o no chão com um pulo inesperado de-revés... Padre Manuel Carlos soube de tudo isso e despachou o moleque com um recado: — se o Chico Antônio aceitasse noventa mil réis, podia mandar o Estrelado. O fazendeiro soltou uma risada:

— O caduco está querendo virar peão, gente!

Rindo, êle, a mulher, os filhos, as filhas, os empregados de Água Limpa, Chico Antônio mandou selar uma besta, cavalgou-a e arrancou logo para o arraial levando Estrelado pelo cabresto. O vigário veio para a can-

cela recebê-lo com um coração de menino pulando no peito.

— Aquí está o burro, padre Manuel. Falei que vendia mas só por falar, na hora da raiva; mas pro senhor sustento a palavra... O senhor já sabe que êle é empacador? Que não sai do lugar com a gente encima nem puxado pelo cabresto? Que se a gente mete a espora êle salta? Que nem peão aguenta o salto de lado que êle dá? (O padre ia sacudindo a cabeça afirmativamente: sabia de tudo aquilo.) E quer comprar assim mesmo Então... uma condição... O senhor me devolve o burro se não puder com êle?

— Por que é que não hei-de poder, seu Chico? perguntou o reverendo com mansuetude.

— Mas... só se êle está com o capeta no corpo e o senhor quer tirar o capeta antes de montar!

Padre Manuel Carlos riu-se com uma segurança inexplicável:

— Não fale em capeta, seu Chico, que o sujo não entra neste negócio, graças a Deus todo poderoso. Se aceita os noventa mil réis, aquí tem o dinheiro...

A notícia do negócio correu logo o arraial, espalhada pelo próprio vendedor: o velho vigário estava querendo virar peão. Os seus paroquianos se impressionaram com isso, pois na idade do padre uma queda da sela seria a morte... O asno era teimoso e estúpido. Por outro lado, conheciam que a mansidão do pastor de almas podia às vezes se transformar em cólera, como acontecia quando os fiéis se distraiam em namoros e conversinhas durante as cerimônias religiosas, e êle chegava a expulsá-los da igreja com a revolta de Cristo, contra os vendilhões do templo, ameaçando-os até de pancada. O asno era um asno, mas o velho padre podia vir a perder a paciência com êle, esporeá-lo, bater-lhe, — para ser jogado fóra da sela! As beatas sobres saltaram-se histericamente e organizaram uma comissão para ir dissuadir o pároco daquela maluquice de sexagenário. Simples e direto, às primeiras palavras da diretora das Filhas de Maria que lhe apareceram em comissão, padre Manuel Carlos se irritara um pouco e despachara-as para que cuidassem de suas prendas domésticas: pensariam que êle estivesse doido? Permaneceu o ambiente de anciedade pelos acontecimentos, com os comentários de janela em janela; a dúvida, alguns risos, até algumas apostas; e rezas...

Ao primeiro chamado para preparar uma alma prestes a deixar o corpo (na fazenda do Chico Antônio, como se fôsse de propósito), o vigário cavalgou calmamente o Estrelado, atravessou lentamente a localidade, cujas janelas se encheram de caras curiosas, e subiu o morro até quebrar a lombada. Por acatamento ou receio de sua cólera, ninguem ousou seguí-lo, aconselhando-se apenas o seu moleque a que o fizesse, às ocultas, de certa distância. Quando o moleque também quebrou a lombada, viu logo o cavaleiro parado mais em baixo. Era certo que o burro estava empacado, recusando-se a seguir viagem, logo no comêço desta. Escanchado na sela, padre Manuel Carlos não fazia o menor movimento. O negrinho aproximou-se e observou-o detrás de uma moita: o padre abrira o Breviário e estava lendo-o. Lendo. Rezando. Lendo. Quanto tempo se passou? Talvez horas. O sol percorrera grande espaço do céu. Padre Manuel Carlos lia, mas toda a sua fé ardia numa prece para que Deus fizesse o moribundo esperá-lo. O sol continuava a avançar. E depois de ter por várias vezes procurado mudar a posição das patas para suportar aquêle pêso e aquela paciência, Estrelado se moveu continuando o caminho... O moleque abalou para o arraial, a contar alegremente o que vira.

E foi assim: Uma longa, longuíssima aplicação de paciência. Decorriam meses e o vigário ia e vinha sôbre o quadrúpede que fôra perigoso. Mesmo dentro das ruas padre Manuel Carlos já tinha sido forçado a rezar o Breviário sôbre a sela. Os habitantes passavam e lhe pediam a bênção com um sorriso, sabedores daquela aplicação; alguns paravam, na esperança de presenciarem a vitória da paciência, e acabavam seguindo; outros surgiam e se iam; afinal, o últimos gozavam o triunfo do cavaleiro, mas sem estardalhaços, pelo res-

peito ao sacerdote: Estrelado resolvia andar. Até à noite, na estrada, o padre lia; fingia que lia, ou com o livro aberto repetia de côr as suas orações noturnas, até que a alimária voltasse a caminhar. Com o correr do tempo o problema se foi simplificando. Já quando o burro estacava num lugar, bastava o padre tirar do bolso da batina o livro e abrí-lo para convencer Estrelado da inutilidade do empacamento.

No entretanto, durante tantos meses, o vigário jamais pudera deixar de levar consigo o livro, como era do seu dever; nem o abandonava um receio — de que a montaria se irritasse de um momento para outro e desse o famoso salto de-revés...

E assim chegou novo dia de Sant' Ana, um ano certo sôbre a morte de Mansinho. Tinha sido para o padre ir às festas da Santa, padroeira do povoado do Morro de Santana, que o pretinho fôra campear o burro e o tinha encontrado morto. Os habitantes daquele povoado não desejavam que as festas falhassem como no ano anterior. Às cinco horas estava um próprio à cancela da casa paroquial conduzindo um bom cavalo para o vigário. Padre Manuel Carlos tinha despertado com a lembrança daquela manhã, e conturbado, confuso pela recordação daquelas fraquezas passadas. Declarou ao mensageiro que viajaria mesmo no seu burro e lhe entregou a mala com livros e paramentos mandando-o ir na frente, de um modo peremptório. Quando o moleque surgiu com Estrelado montou-o ainda turbado, distraído...

— Vamos, Mansinho.

E humilhado ao ouvir com surpresa o murmúrio das próprias palavras, que escapavam de sua bôca numa confusão estranha... O amigo dedicado e resignado! Queria ir e não ir até lá...

A névoa cobria o arraial. Começavam os ruídos matutinos. Cinco horas. Atravessou lentamente as ruas. Resolutamente, tocou pelo atalho do morro, vadeou o córrego perto da pinguela, passou a porteira do pasto, penetrou em pleno capinzal rasteiro. Deus lhe perdoaria! Era impossível descobrir o lugar, ainda mais com a névoa baixa... Ocorreu-lhe uma idéia que era uma surperstição, um novo pecado: — deixar que Estrelado fôsse andando com as rédeas sôltas, para que o seu *tino* desse com o local almejado. Porém o burro andou, andou muito, até junto de uma cêrca divisória. Padre Manuel Carlos mais uma vez pediu perdão a Deus e puxou suavemente as rédeas para uma direção que lhe pareceu ainda não percorrida. Quanto tempo já teria passado? Cresceu dentro dêle uma aflição infinita, a certeza de que estava sendo castigado na sua fraqueza vergonhosa, — de que horas já se haviam escoado e a festa de Sant'Ana não se realizaria. Tal a certeza, a tortura, que nem se atreveu a consultar o relogio. O burro marchava devagar dentro da névoa que se esgarçava. E aquêla aflição, forte para atormentá-lo, fraca para fazê-lo saír dalí, daquêle pecado em que rodava sem rumo como num círculo de suplício diabólico...

— Perdão, meu bom Deus! Se ainda mereço perdão...

Estrelado estacou suavemente, e não de-súbito como costumava fazer para empacar. Trêmulo, angustiado, padre Manuel Carlos nem percebeu que êle próprio é que colhera suavemente as rédeas, diante de um montículo, de uma pequenina, humílima elevação que, embora coberta de capim, indicava que alí a terra havia sido bastante revolvida e amontoada. Amontoada sobre Mansinho. Não havia dúvida, pois lá perto ainda estava o cupim. Desmontou, agradecendo a bondade de Deus que o orientára depois de tê-lo castigado durante tantas horas e esteve alí por alguns minutos, fiel à vontade divina, sem ter o pensamento de envilecer uma oração para com a memória do irracional, mas se lembrando de Mansinho, de sua resignação, de seus olhos compassivos... Antes de montar de-novo, teve o gesto que já se lhe tornára habitual: — Verificou se o breviário estava no bolso da batina. Não o encontrou: na sua confusão estranha, tinha-o enviado na mala, com os paramentos... Estrelado já andara demais, durante horas seguidas, e cansado assim empa-

caria, não podia deixar de fazê-lo. E êle sem um livro para abrir... Um novo castigo para suas fraquezas irremediáveis! Montou e a-pesar-de toda a sua inquietação, disse docemente:

— Vamos, meu amigo.

A alimária começou a caminhar obedientemente na direção da porteira que já se podia ver na névoa esgarçada. A alma do padre Manuel Carlos exultou de alegria, mas ainda inquieto consultou o relogio: seis horas! A gloriosa Sant'Ana não ficaria sem sua festa... Atreveu-se a animar com um toque de rédeas o andar do burro, emquanto se curvava um pouco para a frente e batia-lhe com a mão na tábua do pescoço, repetindo:

— Meu amigo!

Estrelado nunca mais empacou.

COLEÇÕES DE "EDUCANDO"

1940 - 1941 - 1942 - 1943

Acham-se á venda coleções de "Educando" dos anos de 1940, 1941, 1942 e 1943

SÃO OS SEGUINTES OS PREÇOS ESTIPULADOS

Coleção - números separados . . . . - Cr $25,00

Coleção - encadernada em percaline - Cr $35,00

Números avulsos . . . . . - Cr $ 3,00

PEDIDOS PARA ESTA REDAÇÃO

A Encíclica "Divini illius magister"

CONTINUAÇÃO

Maria Luísa Almeida CUNHA

"A educação é obra necessàriamente social e não singular. Ora, são três as sociedades necessárias distintas e também unidas harmonicamente por Deus, no meio das quais nasce o homem: duas sociedades de ordem natural, que são a família e a sociedade civil; a terceira a igreja, de ordem sobrenatural".

Da leitura dêste trecho se depreende fàcilmente que estas três *sociedades* (Igreja, Família e Estado), têm que se articular, atendendo a uma hierarquia de valores para levar a bom têrmo a obra educativa.

Em tempos de fé esclarecida esta articulação não suscitaria dificuldades.

Nós, entretanto, estamos vivendo numa época impregnada de naturalismo (negação do sobrenatural), de materialismo, de burguesia e por isso, encontramos a cada passo objeções ao direito da Igreja, ao direito da Família...

A ideologia totalitária do Estado massacrando as reinvidicações mais justas de uma e de outra tem sua expressão já bem definida na pedagogia soviética (sem Deus!) na pedagogia nazista (mitologia racista!).

Considerando os resultados práticos dessa dupla experiência perseguidora de Deus, é impossível fechar os olhos ao nosso futuro educacional.

Temos que trabalhar para uma revalorização do unico necessário que é o primado do espiritual.

Educação integral que põe deliberadamente de parte o problema humano fora da perspectiva da eternidade, fora do plano de Deus, prescindindo do *sobrenatural* como crendice de antanho, não pode se adjetivar de *integral*. Ela é fragmentária, é mutiladora porque não desenvolve no educando as virtualidades que mais o elevam que mais o dignificam. A pedagogia naturalista acorrenta aos objetivos transitórios (sociedade, dinheiro, prazer, etc.), a alma humana destinada a Deus.

E' isto que Pio XI nos faz pensar quando aponta em sua formosa encíclica os títulos da proeminência da Igreja em educação.

Precisamos acabar com o preconceito ridículo de que a Igreja é obra de padres e freiras. A igreja é a invenção da misericórdia de Deus para estar sempre, sempre ao alcance, à disposição (!!) da nossa fragilidade humana.

A Igreja, mau grado as prevaricações humanas, é essencialmente santa e santificadora porque vivificada pelo Espírito Santo. Ninguém ousará afirmar que a medicinia é cousa má porque há multidões de médicos charlatães...

E o Santo Padre comenta em seguida os títulos que não se podem atribuir a qualquer outro instituição que viceje na terra. Do próprio Cristo recebeu a Igreja *mandato do magistério universal* (Todo poder me foi dado no Céu e na Terra) Ide pois, ensinai a todos os povos, batisando-os em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. (Math. ... XXVIV-18.20). O segundo título é a maternidade sobrenatural da Igreja pois que pelo Batismo o homem nasce para a vida divina.

Portanto em tudo que fizer o cristão não lhe é lícito desprezar os bens sobrenaturais, antes, segundo os ensinamentos da Sabedoria cristã, deve dirigir tôdas as cousas ao bem Supremo como o fim último; além disso tôdas as suas ações, enquanto boas ou más em ordem aos bons costumes, isto é, enquanto concordam ou não com o direito natural e divino estão sujeitas ao juízo e à jurisdição da Igreja."

Para aquilatar do vigor, da te-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

nacidade, da riqueza, da dedicação com que a Igreja tem realizado o mandato de ensinar,seria necessário levantar uma estatística objetiva de tôdas as escolas, em todos os graus de ensino, em tôdas as latitudes e longitudes que desabrocham da fecundidade inexaurível d aIgreja.

Ouçamos o Santo Padre acatando sem restrições, a proeminência da Igreja visto que a "ordem sobrenatural a que pertencem os direitos da Igreja, não só não destrói nem diminui a ordem natural à qual pertencem os outros direitos (família, Estado,cultura, etc.) mas pelo contrário a eleva e aperfeiçôa e ambas as ordens se prestam mútuo auxílio porque ambas procedem de Deus que se não pode contradizer".

Principais produções das zonas de Minas, pelo valor, em 1931

(Resumo dos últimos quadros publicados pelo Departamento Estadual de Estatística)

VALORES:	*Sul*	*Mata*	*Centro*	*Oeste*	*Triângulo*	*Leste*	*Nordeste*	*Norte*	*Noroeste*
Mais de 200 milhões de Cr$	—	Ferro	—	—	—	—	—	—	—
" " 138 " " "	Bovinos	—	—	—	—	—	—	—	—
" " 127 " " "	—	—	Ferro	—	Bovinos	—	—	—	—
" " 100 " " "	Milho	—	Ouro	—	—	—	—	—	—
" " 90 " " "	Café	Bovinos	—	—	—	—	—	—	—
" " 80 " " "	—	Milho	—	—	—	—	—	—	—
" " 80 " " "	—	Café	Bovinos	Bovinos	—	—	—	—	—
" " 60 " " "	Suinos	—	—	—	Arroz	—	—	—	—
" " 50 " " "	Lenha	Açúcar	Cristal	—	—	—	—	—	—
" " 50 " " "	Arroz	Suinos	—	—	—	—	—	—	—
" " 50 " " "	—	Leite vendido	—	—	—	—	—	—	—
" " 40 " " "	—	Arroz	Milho	Milho	—	—	—	—	—
" " 30 " " "	Leite vendido	Madeira	Lenha	—	—	—	—	—	—
" " 30 " " "	Feijão	Feijão	Min. de manganês	Suinos	—	—	Bovinos	—	—
" " 20 " " "	Madeira	Aves domésticas	Suinos	Arroz	Milho	Bovinos	—	Bovinos	—
" " 20 " " "	Açúcar	Ovos	Leite vendido	Lenha	Suinos	Milho	—	—	—
" " 20 " " "	Aves domésticas	—	Arroz	—	—	—	—	—	—
Quase 20 " " "	Ovos	—	Carvão vegetal	—	—	—	—	—	—
	—	—	Min. de ferro	—	—	—	—	—	—
Mais de 10 " " "	Fumo	Carvão vegetal	Madeira	Café	Lenha	Suinos	Arroz	Milho	—
" " 10 " " "	Cimento	Fumo	Feijão	Feijão	Madeiro	Arroz	Milho	—	—
" " 10 " " "	Águas minerais	—	Açúcar	Leite vendido	Feijão	Mica	Suinos	—	—
" " 10 " " "	—	—	Aves domésticas	Açúcar	Diamantes	Lenha	—	—	—
" " 10 " " "	—	—	Ovos	—	—	—	—	—	—
" " 9 " " "	Aguardente	Mica	—	—	—	Feijão	—	—	Bovinos

Este é um dos quadros da "Coreografia de Minas Gerais para o Curso Primário" que será publicado por

Petrina Santiago.

A ARTE AGRÍCOLA

Sua concepção entre nós e o esfôrço do Govêrno Getúlio Vargas pelo ensino agronômico

Palestra apresentada pelo Prof. DANIEL ANTIPOFF, da Escola Agrícola de Guaratinga.

Evolução, progresso são dois têrmos que neste século XX se podem aplicar à maioria das ciências.

A agricultura, que deve ser uma espécie de síntese viva dos conhecimentos humanos, também progride. A agricultura é uma unidade constituída de frações, em que os numeradores representam a participação que tomam na sua edificação a física, a química, a matemática, a biologia e tantas outras ciências. A agricultura neste grande Brasil, graça aos esforços dos seus chefes, também vai adiante.

O QUE ERA A AGRICULTURA NOS PRIMÓRDIOS DA HUMANIDADE — Uma arte, possível apenas devido ao número escasso de homens. Apanhavam-se as frutas que pendiam das árvores, caçavam-se os animais que porventura se encontravam, pescavam-se nos rios o que a sorte concedia.

E depois? quando os alimentos se fizeram mais diminutos para uma população sempre crescente, que aconteu ao homem ?

— O homem tornou-se nômade, continuando com as armas e utensílios precários feitos de pedra, de madeira e só mais tarde de ferro, a caça, a pesca em lugares ainda não pisados pelos seus semelhantes. Quantas tribos não se hostilizaram, porque apenas cobiçavam os mesmos víveres! As mudanças contínuas, o desconhecimento de novos lugares, a insegurança diária tornavam problemática a vida dos homens. O homem preferiu então fazer-se seguir do seu rebanho. Rodeavam-no em suas marchas os animais domésticos que em parte lhe aseguravam a subsistência e a proteção.

Com o aumento das tribos e da população, o nomadismo cedeu lugar à vida sedentária. O homem observou que a semente uma vez bem plantada e tratada com cuidado, multiplicava os alimentos em quantidade superior à semente caída na terra ao acaso. Pequeno agricultor veiu a ser aquêle que dispondo de elementos vivos, em condições favoráveis, deixava à terra e à espécie animal o cuidado de crescerem e se multiplicarem. Grande agricultor veio a ser aquêle sob as ordens do qual outros homens foram forçados ao trabalho braçal da terra.

ORIGEM DO PRECONCEITO: — "AGRICULTURA PARA OS INFERIORES":

Quando se instituiu a Sociedade, a liberdade desapareceu e a escravidão tornou-se obrigatória. Os menos favorecidos serviram a seus senhores e foram levados ao cultivo da terra. Que fôssem súditos dos Romanos, servos do regime feudal ou escravos da África, sempre se afirmou a tirania do poderoso e a miséria do trabalhador da terra. A arte agrícola transmitiu-se de uma geração para a outra sem grande melhora, pois a servidão se incompatibilizava com progresso. A privação da liberdade para quem nunca a possuiu tornou indolente o espírito inventivo. A lavoura durante séculos a fio seguiu a rotina, desprestigiando e degradando o trabalho braçal.

1888, 13 de Maio: nesta data foi abolida a escravidão no Brasil. Foram então, proscritos os direitos daquêles senhores, que se aproveitavam da fraqueza dos mal-nascidos. Desertaram os campos de lavoura, pois o trabalho da terra até então unicamente praticado pelos escravos,

parecia degradante a quem a êle se deliberasse.

QUEM PODE REABILITAR O TRABALHO DA TERRA AO LUGAR QUE ÊLE MERECE?

São necessários longos anos, para convencer as novas gerações, pois nem todos ainda se convenceram, que o trabalho da terra é entre as atividades do homem, um dos mais nobres e dos mais independentes. E' precisamente êste trabalho que melhor se concilia com a índole independente daquêle primeiro habitante da terra de Santa Cruz. A agricultura, para ser bem praticada, necessita de muita observação, de conhecimentos e de um espírito dedutivo. Reabilitar o trabalho da terra ao lugar que ele merece, é uma das funções das Escolas Agrícolas, dos Institutos agronômicos, das instituições superiores dedicadas ao conhecimento da gleba.

Até há pouco, duas instituições agrícolas importantes, apenas, despertavam a atenção dos Brasileiros, a Escola Superior de Piracicaba em S. Paulo, e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa, em Minas Gerais. Faltava ainda uma terceira escola para coordenar os esforços regionais e instituir no Brasil um CENTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISAS AGRONÔMICAS.

ESFÔRÇO DO GOVÊRNO GETÚLIO VARGAS PELO ENSINO AGRONÔMICO

Foi no regime inaugurado a 10 de Novembro de 1937, que se cogitou de um semelhante instituto. Ao antigo ministro da Agricultura, o sr. Fernando Costa, perfeitamente prestigiado e compreendido pelo Presidente Getúlio Vargas, coube a honra de criar de fato um instituto de ensino técnico-agronômico, capaz de prestar os mais destacados serviços ao Brasil.

Hoje êste Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas ou C. N. E. P. A., já está quase terminado. Compreende uma Escola Nacional de Agronomia, diversos pavilhões destinados a pesquisas e um vasto campo experimental onde criteriosamente, serão seguidas pesquisas sôbre plantas de cultura econômica e sôbre animais com predicados valiosos, ambos destinados a colocar em destaque as contribuições do atual C. N. E. P. A.

Sob a deliberação do Presidente Getúlio Vargas, em 1938, foi escolhido na Baixada Fluminense o sítio d oatual C. N. E. P. A.

A Baixada Fluminense, como clima, representa a parte tropical do Brasil. Nela, pois, estão sendo começadas pesquisas atinentes às culturas tropicais em que figuram o café, o cacau, a cana de açúcar, o arroz, as plantas oleaginosas, as têxteis, as frutas de clima tropical. Na região vizinha, onde se estendem os alti-planos da Mantiqueira, caracterizada por um clima mais rude, com geadas e neve, nos meses chamados de frio, forçoso será pensar em criar um inhtituto subordinado ao C. N. E. P. A. dedicado ao estudo das plantas de clima temperado tais como o trigo, o centeio, a cevada, e as frutas de clima temperado ou mediterrâneo.

As terras que foram destinadas ao C. N. E. P. A. margeiam a rodovia de Rio de Janeiro a S. Paulo e distam apenas 70 quilômetros da capital federal, fato êste que torna digno de elogios a feliz escolha realizada pelo Presidente Getúlio Vargas. Uma outra circunstância que prestará relevantes serviços, é o fato destas terras se acharem perto do grande matadouro de Santa Cruz. Sabe-se com efeito, que o referido matadouro é um centro de concentração dos animais, destinados ao abastecimento do Rio de Janeiro. Esta circunstância muito reverterá em benefício do ensino da zootecnia e da veterinária, sem levar em conta a apreciável fonte de adubos que lá se acumulam com os resíduos dos animais abatidos.

A área escolhida e que hoje faz parte do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, é de 1600 alqueires geométricos ou sejam, ... 7744 hectares. Não é de tamanho

excessivo, atendendo-se que nela figurarão extensos prados, um horto florestal, verdadeiro jardim botânico, econômico, um lago artificial para psicultura, dilatadas lavouras em que funcionam instrumentos mecanizados, movidos a gasogênio e edifícios numerosos, indisepnsáveis a um centro agro-científico de tão alto destino.

Neste centro rural, cogitou-se de enquadrar as diversas construções no estilo bem brasileiro, chamado colonial. O plano da obra obedece à seguinte orientação:

Uma primeira zona de pesquisas, com laboratórios, gabinetes de estudo, bibliotecas, lepartamento dedicado ao levantamento de gráficos e à estatística.

Uma segunda zona de ensino, provida de salas para professores e alunos, anfiteatros, sala de manipulações, museus com as melhores coleções, salas de leitura e bibliotecas ao uso do corpo discente neste centro agronômico.

Uma terceira zona residencial com casas de professores, assistentes alunos, capatazes, trabalhadores. Esta zona ocupa um espaço amplo e higiênico onde se agregarão 600 alunos em apartamentos independentes. Tomarão os alunos suas refeições em restaurantes. Nesta zona está previsto um hospital para essa pequena cidade de gente agrícola.

Uma quarta zona de esportes, atendendo a todos os requisitos modernos da cultura física.

Uma quinta zona de agricutlura, compreendendo numerosas estações experimentais de citricultura, de plantas forrageiras, de plantas têxteis, de silvicultura, etc., tendo cada uma as dependências necessárias ao seu perfeito funcionamento (cocheiras, galpões, casas de trabalhadores).

Uma sexta zona de zootecnia com as instalações para gado leiteiro, porcos, aves, equinos e diversas acomodações para o aproveitamento industrializado de derivados zootécnicos.

Um grande trabalho já foi realizado para proporcionar a instalação mais completa a esta verdadeira universidade rural. E' uma das preocupações do atual ministro Aponônio Sales, que se termine mais brevemente possível as obras dêste centro de estudos agronômicos. E' o voto máximo do sr. Ministro formar o mais depressa possível uma equipe orientadora da produção agrícola nacional. Dêste modo, poder-se-á atacar enfim, as fainas da agricultura, não pelos processos obsoletos e desumanos da foice, das queimadas e da enxada, mas sim por processos científicos em que entre o moderno intrumental agrícola, em que a química, no combate às pragas e doenças, tenha preponderância.

Pelo orçamento de 18 milhões de cruzeiros, previsto no início das obras, compreende-se a importância e o ardente idealismo que o presidente Getúlio Vargas dedica a êste magnífico Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas.

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 a 614 - TELEFONE, 2-3171

UMA VISITA A' CANTINA DO GRUPO ESCOLAR "JOSE' BONIFACIO"

Trabalho realizado pelo 2°. ano do Curso Geral da E. de Aperfeiçoamento, na Cadeira de Socialização

Comissão redatora: EDMÉE AMARAL
VERA PEREIRA
NIZA ALI GANEM
MARIA SEABRA

As cantinas escolares constituem, hoje em dia, um problema que de forma alguma pode passar despercebido àquêles que se interessam pela educação da infância.

A carestia de vida, consequente da situação atual, impossibilita a família de prestar a devida assistência alimentar às crianças.

Isto vem tornar mais premente as necessidades das cantinas, cuja finalidade é suprir, de certo modo a deficiência de alimentação — para que as crianças possam vencer melhor os trabalhos escolares.

A criança tem necessidade de calorias compensadoras das energias gastas, além das que seu organismo requer para o melhor crescimento.

Seria ideal que as cantinas satisfizessem de maneira plena essa necessidade. Os Grupos, porém, não dispõem de recursos que permitam essa realização, dado os seus múltiplos problemas econômicos e sociais. Mesmo assim, as cantinas têm procurado na medida do possível atender ao maior número de crianças, embora, com uma pequena merenda. Esta se reflete na melhoria de saúde e, consequentemente no rendimento do trabalho, como já dissemos, e na frequencia às aulas.

Estudando na Cadeira de Socialização, Cantinas escolares, cujos valores acabámos de ver, manifestámos o desejo de conhecer uma, em situação real: motivo de nossa visita à Cantina do Grupo "José Bonifácio".

PALESTRA COM A DIRETORA

Ao chegarmos ao Grupo, fomos recebidas pela Diretora do Estabelecimento, D. Maria Suzel de Pádua. Feitas as apresentações e sabedora do porque da nossa visita, D. Suzel durante alguns minutos falou-nos com simplicidade e franqueza, respondendo paciente e amávelmente às nossas questões.

Quanto à organização da cantina, disse-nos: A distribuição da sopa é feita de acôrdo com o meio social, devendo recebê-la as crianças do 4.° e 5.° grupos. Mas não atendemos apenas ao grupo social, como também ao número de filhos e condições financeiras da família; filhos de famílias numerosas, ainda do 3.° grupo social, podem receber auxílio; para isso, procuramos, por meio de informação de pessôas idôneas, saber a condição real da família de crianças que recorrem ao auxílio da Cantina, não pertencendo embora ao 4.° ou 5.° grupos. Ao ser feita a matrícula, formamos o quadro da Cantina que, se necessário, será alterado de acôrdo com informações posteriores.

No ano passado, 700 crianças recebiam o auxílio da Cantina; a matrícula era então de 1.700 crianças. Êste ano, a matrícula é de 2.000 crianças e 800 recebem o auxílio, o que corresponde a 40% da matrícula do Grupo.

A grande maioria de alunos do Grupo é formada por crianças de parcos recursos financeiros, ou pobres realmente; pois os de famílias mais abastadas procuram outros grupos, residindo embora muitas vezes muito mais próximas ao "José Bonifácio".

Há crianças que moram muito afastadas do Grupo, que vêem mal alimentadas: e precisam realmente da sopa; há até os que guardam um

pouquinho para levar ao irmão ou à irmã que ficou em casa. Geralmente gostam da sopa; e a preferem em fórma de mingau com açúcar; muitos pedem para tomar pela segunda vez, o que lhes é permitido quando há alunos faltosos da Cantina, e sobra um pouco de sopa. Distribuímos, geralmente 500 pratos pela manhã e 300 à tarde.

A Cantina é quase mantida por uma verba fornecida pela Associação das Cantinas Escolares; a nossa parte era, a princípio de Cr$300,00 foi elevada para Cr.500,00 e é hoje de Cr$600,00.

Essa verba é dada aos Grupos e distribuida de acôrdo com as necessidades de cada um. Quando a verba não é suficiente, a Caixa Escolar dexe auxiliar a Cantina. E' em grande parte o esfôrço e a dedicação dos nossos Diretores e Professores, que devem sustentar a Cantina e a Caixa Escolar. Os problemas de direção de um grupo são muitos, e aumentam com o número de alunos pertencentes às classes sociais inferiores.

Há uma professora encarregada exclusivamente da direção da Cantina, fornecimentos, e todos os assuntos a ela relativos.

ASPECTO GERAL DO SERVIÇO — ENTRADA DAS CRIANÇAS NA SALA

A sala da cantina está localizada no pavimento térreo do estabelecimento, possuindo uma porta para o páteo interno, o que facilita o acesso das crianças de tôdas as salas.

Possue uma única janela o que a torna insuficientemente iluminada. As paredes são pintadas de côr clara emprestando-lhe um aspecto alegre.

A capacidade da sala não é proporcional ao número de crianças socorridas pela cantina; apesar dêstes senões, apresenta um ambiente agradável, graças aos recursos usados pelas dirigentes: boa disposição dos móveis, higiene perfeita, ornamentação singela, mas interessante.

O serviço da cantina é bem organizado: está sob a direção de uma professora encarregada e é realizado por duas serventes, que agem com presteza e eficiência.

Ao entrar para a sala, o que é feito em forma e em ordem, cada turma de 48 alunos encontra os seus pratinhos já servidos. A alimentação fornecida, embora em pequena quantidade, é bastante nutritiva.

Serviu-se, naquele dia, uma sopa de macarrão e, por informação da Diretora, soubemos que outros alimentos são servidos: mingau de fubá, macarronada, sopa de fubá, de arroz, de batatinha, de legumes, etc., arroz doce, cangica. Em festinhas especiais é servido o café com pão e manteiga.

Atualmente, devido às grandes dificuldades da vida, e sobretudo ao racionamento do açúcar, os alimentos doces raramente são distribuidos, não se descuidando a diretora em fornecê-los quando possível.

Observando a entrada das crianças na sala da cantina, pudemos verificar o valor daquela diminuta, mas significativa reunião.

Aqueles rostinhos alegres atestavam esta nossa última afirmativa. Apresentavam, em sua maioria, um aspecto doentio e pobre; crianças anêmicas, atacadas de verminoses, descalças, mal vestidas e subnutridas.

DIFICULDADES

A cantina é a instituição escolar de maior significação.

Há o ditado que diz: ""saco vazio não fica de fé."

Todo ditado popular representa uma filosofia simples mas profunda.

O problema alimentar é um dos mais sérios de nossa terra. O índice cultural, moral, material depende, em grande parte, do estado de saúde do povo.

Se a nação é forte, desenvolvida, é porque o seu povo é bem alimentado.

O nosso povo é sub-nutrido e, assim sendo, não há progresso. Uma criança bem alimentada aprende mais depressa do que a mal nutrida. A falta de orientação de nosso povo é a causa dêsse estado de cousas.

Vemos as dificuldades de alimentação.

No Grupo visitado, a sopa que se oferece às crianças, é como uma gota dágua para mitigar a sêde.

Destaquemos as dificuldades mais palpáveis que tivemos oportunidade de observar em nossa visita:

a) *O número excessivo* de crianças pobres e reduzidíssimo de crianças que podem pagar a taxa escolar.

Dentre 2.000 alunos que constituem a matrícula do Grupo, 804 são beneficiados pela Cantina.

b) *Dificuldade da diretora* em melhorar o aspecto social, pois sendo o Grupo ""José Bonifácio" novo ainda, as famílias do bairro de meio social mais elevado, dão preferência a grupos mais antigos, embora situados mais longe.

c) *O auxílio* que a Associação de Cantinas oferece é muito reduzido (Cr$600,00).

d) *A alta de gêneros.*

e) *O racionamento* dos mesmos, principalmente do açúcar que, segundo nos disse a diretora, nem à vista da requisição da Prefeitura, os negociantes querem fornecer.

f) *A falta de compreensão* dos fornecedores que encaram a cantina como objeto de luxo e não como necessidade real tendo para com ela má vontade.

g) *Dificuldade de transporte* que priva a Cantina de fornecimento fixo.

h) *Dificuldade em variar* a merenda principalmente com o leite, legumes e frutas.

i) *Privação do recurso* de vender a sopa aos alunos que podem comprar porque a quantidade fornecida é reduzidissima, mal satisfazendo aos alunos pobres.

j) *Redução das taxas de matrícula.*

k) *Aumento dos alunos* assistidos pela Cantina.

Conclusões — Desse nossa visita trouxemos a certeza de que a alimentação de escolar pobre é um dos mais graves e significativos problemas a serem enfrentados por nós, professores. De sua solução melhor ou pior, dependerão muitos outros aspectos de nosso trabalho escolar. De qualquer maneira, não podemos ignorá-lo ou nos desinteressar dêle.

A' maneira do que já veem fazendo as nossas colegas, em sua maioria, como, por exemplo, a diretora e as professoras do Grupo Escolar "José Bonifácio", também, nós daremos à cantina escolar a atenção que ela exige.

Estamos certas, no entant,o que não só outras instituições e outras providências devem ser tomadas para a solução de tão grave problema, como, também, a melhoria das próprias cantinas escolares, principalmente em sua capacidade de distribuição, deve ser objeto de estudo e interêsse nosso, para que elas, cantinas, possam atender ao seu grande objetivo. fornecer a todos os escolares necessitados, uma alimentação suplementar suficiente e eficiente, dentro das exigências e necessidades do organismo infantil.

O valor do jôgo e da recreação na vida de qualquer um e indiscutível. Assim, se o aluno brinca necessáriamente, a escola deve levá-lo a brincar melhor.

Mc. KOWN

Educação Física

Diumira PAIVA

CONTRIBUIÇÃO PARA O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DE ACÔRDO COM AS ATUAIS NORMAS DE ENSINO

PRELIMINARES:

A professora deve:

Ao dar a voz de comando, estar de frente voltada para a classe, em atitude sempre correta afim de, pelo seu modo de agir, servir de modêlo para seus alunos; explicar os movimentos *em voz clara, o* mais resumidamente possível e ao mesmo tempo, (quando o assunto comportar) executá-los.

Comando:

Os comandos podem ser dados por intermédio da voz humana ou de qualquer sinal convencional que interesse principalmente aos sentidos auditivo e visual. Em uma classe de surdos, por exemplo, os sinais só podem ser de qualidade que interessem à visão, ao passo que para cegos, só convém os de ordem auditiva.

Para uso de indivíduos normais, o comando mais usado é o apito, o tambor, a corneta etc..

Na escola, por motivo de ordem psicológica, devem ser usados, com preferência: em primeiro lugar, a voz humana, em segundo um instrumento de som surdo e suave como o tambor ou pandeiro e, como último recurso, o apito.

Sendo a voz humana a mais recomendada por diversos motivos e, principalmente porque, além do som, pode descrever a ação sem necessidade de prévia convenção, trataremos apenas dela.

As vozes de comando dividem-se em duas partes:

a) *voz de advertência* — aquela que define o movimento que se vai executar;
b) *voz de execução* — precisando o tempo exato em que deve ser iniciado o movimento.

Ex.:

Direita — (indica o lado) é advertência.

Volver — (ordena o movimento e o tempo exato em que deve ser iniciado) é execução.

Direita volver a tempo — (advertência)

Um — o executor eleva-se na planta dos pés e volve.

Dois — une o pé esquerdo ao direito.

NOTA — Entre o ato de emissão da voz de advertência e o da execução, deve haver um intervalo de tempo superior a dois segundos.

As vozes de comando fracas e indecisas, produzem execução imprecisa e sem vigor.

A voz de advertência deve ser clara e longa quanto ao som; a voz de execução, enérgica e curta.

Quando a execução de um movimento é mal iniciada, a professora deve mandar — *outra vez*, ou *última forma* — a esta voz os alunos voltam à posição em que se achavam antes de iniciarem o movimento.

As ordens podem ser executadas:

a) de qualquer posição pre-assumida;
b) da posição de "sentido";
c) marcando passo;
d) em marcha regular;
e) em marcha acelerada.

NOTA — Em todo comando, em marcha, que envolva mudança de direção para a esquerda ou direita, a voz de execução deve partir imediatamente antes de que assente no chão o pé correspondente ao lado que se deve volver; o pé oposto avança uma passada para cessar o impulso, faz-se a volta ou quarto de volta na planta dos pés e rompe-se a marcha com o pé da retaguarda.

Ex.:

1 — (advertência) Direita
2 — (execução) Marche!

Formaçõess

Só póde existir uma formação quando dois ou mais indivíduos são alinhados em determinada direção. Sendo cada indivíduo *uma unidade*

simples, tôda formação constitue uma unidade composta.

São, pois, elementos de uma formação:

a) o indivíduo;
b) a fileira;
c) a coluna;
d) o círculo.

Para formar uma *fileira* os alunos se colocam um ao lado do outro, ombro a ombro.

A formação da fileira deve ter início à esquerda. À voz:

1 — fileira
2 — formar!

cada aluno toma lugar na linha indicada pelo braço da professora: os menores em primeiro lugar.

Para formar uma *coluna* os alunos colocam-se uns atrás dos outros, à distância de um braço do seu companheiro da frente.

A formação em coluna pode ser: em coluna simples e coluna composta. A coluna é simples quando não se constitui de unidades compostas, isto é, de fileiras. E' composta quando as suas unidades são fileiras. Neste caso, cada fileira deverá ficar distante de sua congênere imediatamente à frente, tantos passos quantas forem as unidades de que se constitui.

Para a formação de um *círculo* os alunos tomam a posição com a frente votalada para o centro com uma distância de dois braços entre cada indivíduo.

Alinhamento

O alinhamento deve ser feito pela frente quando se trata de coluna simples; pela frente e pela esquerda, direita ou centro, conforme o comando, quando a coluna for composta.

Se se trata de fileira simples, o alinhamento faz-se pela direita ou esquerda atendendo ao flanco movente, estando em marcha.

Estando-se em fileira, a pé firme, para alinhar, manda-se:

1 — *Pela direita* (ou esquerda)
2 — *Alinhar!*

A esta voz, cada aluno apoia a mão do lado indicado no quadril e toca com o cotovelo no braço do vizinho, volta a cabeça para o mesmo lado, afim de chegar ao lugar na linha.

Cumprida a ordem, para voltar à posição de sentido, manda-se:

1 — *Classe*
2 — *Firme!*

A êste comando, os alunos voltam a cabeça para a frente e descem a mão.

NOTA — Nas vozes de comando em que a execução deve interessar diretamente *a cada indivíduo*, em lugar de chamar na voz de advertência a atenção de qualquer das unidades (fileira ou coluna), empregar-se — *classe* — como advertência:

Sentido

A posição de sentido, também chamada fundamental, é mantida sem contrações, com o corpo erecto, cabeça erguida, braços caidos naturalmente, palmas das mãos voltadas para dentro, calcanhares unidos e pontas dos pés abertas .

Estando a classe em descanço, para ordenar sentido:

1 — *Classe*
2 — *Sen...tido!*

Descançar

A posição de descanço é tomada com uma passada ao lado e as mãos para a retaguarda, cruzadas, tronco firme. Estando a classe em sentido para ordenar descanço

1 — *Classe*
2 — *Descan...çar!*

Fora de forma e reunir

Ao comando dado os alunos se dispersam vivamente. Estando em forma, na posição de sentido, para dispensar manda-se:

1 — *Fora de forma*
2 — *Marche!*

Para reunir a classe a professora chama a atenção da classe e determina a posição a tomar:

1 — *Classe, em fileira* (ou coluna, ou círculo)
2 — *Formar!*

(*Continua*)

Uma das causas mais importantes na educação da criança é orientá-la no bom uso das suas horas vagas.

Mc. KOWN

LABORATORIO VERITAS

Quimica e Microscopia Clinica

Drs. ALMEIDA CUNHA e E. DE SOUZA E SILVA

PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

e VIRGILIO HE'LIO MOSCI

PREPARADOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Av. Afonso Pena, 610-Salas 608 e 610 - 6.o andar e Ap. 1 do 7.o andar - Telef. 2-3333 - Edificio Cruzeiro

Caixa Postal, 149 -- Belo Horizonte

LIVRARIA E PAPELARIA QUEIROZ BREINER

A GRA'FICA QUEIROZ BREINER LTDA.

que imprime a Revista EDUCANDO instalou á Rua Espirito Santo, 562, completa seção de

LIVRARIA E PAPELARIA

com variada coleção de livros didaticos e literatura infantil, mantendo tambem organizado serviço de REEMBOLSO POSTAL para atender aos fregueses do interior.

Minha Senhora!

Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagem, limpeza de pele, manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interêsse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1075 —:— TELEFONE, 2-1960

A ORGANIZAÇÃO REGIONAL DO TRABALHO E A ESCOLA PRIMÁRIA

Conferência proferida em 1º. de Maio, Festa do Trabalho, no Grupo Escolar "Antonio Carlos", de Juiz de Fóra

Abel Rafael PINTO

Nem todos sabem, mas hoje está provado cientificamente que é preciso, a todos, aprender a trabalhar. Podemos dizer que, de acôrdo com a economia nacional, e seus fatos, 90% dos brasileiros não sabem trabalhar. Entre nós não há educaçã oprofissional, nem organização de emprêsas. Quase tudo se tem feito empiricamente. Mas já é tempo de, em todos os setores, introduzirmos os benefícios que a técnica nos proporciona.

Dito isto, prossigamos afirmando que o Trabalho é hoje não só uma arte, como também uma ciência: Trabalho Científico, Administração Científica, Organização Racional do Trabalho, ou Racionalização, como é conhecida, nada mais é do que a luta pelo aumento da eficiência do homem, da melhoria da produção, a campanha do rendimento. Tem por princípios gerais a Divisão do Trabalho, a Coordenação e Padronização.

A Divisão do Trabalho é baseada em que o serviço total, seja qual for, pode e deve ser dividido em suas partes elementares, entregues cada uma a uma pessoa ou grupo de pessoas, com o fim de produzir mais e melhor com o mesmo esfôrço. Tem as vantagens de aproveitar melhor a aptidão dos indivíduos, evitar desperdícios de tempo e elevar a habilidade e a destreza de cada indivíduo, dando-lhe especialização.

A Coordenação, que é a sistematização das várias fases, ajusta pessoal, material e tempo às necessidades do trabalho. A Padronização, como indica o nome, normaliza produtos, materiais, ferramentas e métodos de serviço, para evitar dispersão de energias e de atenção.

Aí por cêrca de 1886, muitos Diretores de Emprêsas dos Estados Unidos, que atravessavam uma fase de grandes progressos industriais, começaram a considerar os problemas da produção e da administração como cousas que podiam ser investigadas cientificamente. Observaram e estudaram os serviços e puseram em prática as conclusões. Os resultados obtidos, em que a produção crescia às vezes de 50%, incentivaram os estudos e observações, as conferências e escritos com que êsse grupo de engenheiros e industriais formaram o núcleo inicial da Ciência do Trabalho.

Frederico Winslow Taylor, norte-americano, é a maior figura de nossa matéria. Aprendiz, operário, engenheiro, observou e aplicou; sistematizou depois sua prática. Henrique Fayol, francês, é a segunda figura. Taylor havia encarado o problema tendo em vista o operário; Fayol fêlo encarando a Direção. Completaram-se. Depois vieram os cientistas propriamente ditos, os biólogos e psicólogos, e trouxeram suas achêgas, importantissimas, à Ciência. E' o estudo das aptidões físicas, intelectuais e psíquicas trazendo os problemas de Orientação e Seleção Profissionais.

Os têrmos Racionalização, Taylorismo, Orientação e Seleção Profissionais, têm sido ultimamente muito usados entre nós, mas a maioria das vezes em completo desacôrdo com o que significam — até mesmo entre os meios educacionais. Para nós, brasileiros, nação sem educação profissional, sem industrialismo, que dependemos economicamente de outros povos, essas palavras muito deviam significar e muito devem ser repeti-

das em sua exata aplicação. Elas nos podem dar progresso econômico, podem aumentar a eficiência de nosso trabalho e trazer mais valor aos nossos operários, pelo aumento de sua eficiência.

E não é cousa que, em suas primeiras fases, dependa de anos de estudo acurado. Virá depois essa fase. Mas a fase inicial depende apenas de observação e da criação de uma mentalidade. Assim como há uma mentalidade religiosa, esportiva, etc., criemos a mentalidade da eficiência.

Como essas palavras visam apenas à apresentação do assunto, vamos passar ao lado prático, das exemplificações e das demonstrações que se podem fazer.

Sôbre os conhecimentos de Organização Científica do Trabalho a serem ministrados nas escolas primárias, as diretrizes gerais sugeridas pelo IDORT (Rev. 146, 16) são as seguintes:

"No ensino primário será necessário e suficiente orientar o espírito da criança para o fato de que qualquer trabalho completo, ou mesmo uma ação singela, pode ser executadas de diversas maneiras, umas mais simples, outras mais complicadas, e que entre essas formas de proceder deve ser procurada aquela que permita realizar o objetivo som menos esgôrço. Para isso é preciso, de antemão, pensar na maneira pela qual se deve realizar o trabalho e que, portanto, toda ação deve ser subordinada a um plano preestabelecido.

"As lições de cousas oferecem oportunidade para estabelecer comparações entre dois modos de executar um mesmo trabalho, por mais simples que seja e para demonstrar, em casos concretos, que se pode fazer economia de material, de movimentos, de tempos e de esforços mediante uma escolha adequada do modo de proceder.

"Os exemplos que, de preferência, servem para essas demonstrações são os de assuntos caseiros, em que há também a oportunidade de mostrar a importância da disposição racional dos apetrechos de trabalho.

"Também se deverá fazer compreender à criança qu ea divisão do trabalho traz vantagens, que cada um deve executar a parte do trabalho para que possue mais jeito ou que está mais de acôrdo com sua constituição; tal como se verifica em tôdas as manifestações da vida na natureza, e assim o trabalho se tornará mais rápido e mais perfeito.

Essas noções de "economia do Trabalho", sob forma rudimentar e concreta, cabem no ensino primário, como complemento das lições de cousas, e sua finalidade será apenas suscitar no espírito da criança a preocupação do "modo de fazer", inculcando assim uma concepção primária de "método".

Essas são as instruções do Idort. Essa concepção primária de método é que se tornará em mentalidade. Há, portanto, certos princípios que é preciso difundir e repetir entre os escolares. Servimo-nos, para melhor exemplificar, de instruções práticas que mimeografámos e distribuimos entre os operários de nossa fábrica. Apenas com ligeiras alterações, podem-se aplicar aos serviços escolares e aos serviços domésticos.

Havia ignorância completa sôbre isso, como há até entre as camadas cultas em geral, e em particular, entre aqueles que militam nas indústrias e no comércio.

As senhoras professoras podem observar o resultado de tais iniciativas numa simples cópia feita por seus alunos. Determinem a posição exata do corpo (nem curvo nem ereto em demasia); tinteiro colocado à distância do braço parcialmente esticado; livro de cópia ao lado esquerdo do caderno, a 20 cms. dos olhos; sôbre o livro, régua que marque o curso da cópia. Não há perda de tempo, não há movimentos inúteis, não há busca, não há posição forçada. Logo o trabalho será executado em tempo mínimo, com o mínimo de esfôrço e o máximo de rendimento, como todo trabalho racionalizado.

Os resultados que temos obtido entre nossos operários são os mais auspiciosos possíveis e serão ótimos quando tivermos criado essa mentalidade de eficiência, a qual, seja dito,

no ambiente de uma fábrica, exige outros fatores para o êxito.

Mas, ao lado desas educação que propugnamos, vamos apontar outro setor em que a escola primária pode prestar revelantes serviços ao aluno, às idústrias e ao Brasil. E' no problema da Orientação Profisisonal.

E' problema de escola secundária, teóricamente. Mas, podemos dizer com a nossa prática de empregador, que é, em nossa terra, problema da escola primária. Dado o nosso baixo nível de vida, os escolares fazem apenas o curso primário e passam em seguida ao ambiente das oficinas e fábricas. Dos menores que trabalham, a maior parte ainda vai terminar o curso em aulas noturnas. Uma boa porcentagem de menores de 14 anos, que se não podem empregar por fôrça da lei, procura burlar os empregadores com o retardamento da entregua das certidões. Há pressa em se colocarem.

Se êsses escolares forem receber a orientação profissional na escola secundária, é certo que nunca a receberão. Isto se a recebessem na escola secundária...

Como vimos, é um problema urgente. E pode ser realizado na escola primária, pois a orientação profissional deve ser dos 12 aos 15 anos, idade comum aos nossos 3.º e 4.º anistas.

A Seleção Profisisonal é problema distinto do de Orientação. Aquêle supõe prática, o exercício das funções e a escolha dos que melhor as executam. A Orientação, porém, é o descobrimento das aptidões individuais para êste ou aquêle serviço. E' o exame físico, intelectual e psíquico dos indivíduos, indicando-os para profissões certas, ou grupo de profissões.

Na Europa e na América do Norte há Centros Psicotécnicos, há escolas de orientação, há laboratórios emperimentais de psicotécnica e fisiotécnica, tanto de iniciativa oficial como particular. Entre nós não há nada disso. Só há o trabalho do Idort e um ou outro serviço particular incompleto .

O Grupo "Antonio Carlos", pelas suas iniciativas, pela esclarecida Direção, pelo excelente corpo técnico, pelo corpo discente tão selecionado, tão inteligente e eficaz, tem capacidade para iniciar entre nós um trabalho como o que vamos sugerir, o qual, pela originalidade e utilidade, podia estender-se e tomar vulto, além de, pelos seus resultados práticos, vir a merecer o apôio das nossas classes conservadoras e oficiais.

Ainda quando as nossas fábricas dispuserem de laboratórios experimentais, como haverão de ter um dia, tal serviço será util.

Quando nos aparece na fábrica um menino, ou menina, pedindo colocação, valemo-nos dos nossos conhecimentos de biotipologia (quando os temos), valemo-nos da simpatia ou antipatia que nos inspira o candidato, ou ainda nos valemos de um período experimental de poucos dias. Mas nada disso representa alguma cousa na maioria dos casos, mesmo a experiência, pois às vezes experimentamos o candidato em 3 ou 4 seções sòmente e nos cansamos dêle. Não conseguimos advinhar suas aptidões, ou não podemos acompanhar sua atividade no trabalho de cada dia.

Muito diferente seria se o candidato, ao solicitar o emprêgo, apresentasse uma *ficha psicotécnica*. Teríamos então dados reais para a experimentação do candidato, ou o desenganariamos logo, com lucro para ambos, se não tivéssemos nenhum serviço de acôrdo com a sua capacidade, ou dentro de suas contra-indicaçoes médicas.

Êsse é o trabalho que sugerimos: A FICHA PSICOTÉCNICA, que nos dá elementos para reconhecer se uma pessoa tem capacidade para realizar determinado trabalho; para determinar as causas de variação de seu rendimento, e para dar a uma pessoa o lugar que mais lhe convém, e fixar as condições de trabalho mais propícias à sua eficiência (Raul Rocha).

A ficha deve ser feita pelo médico escolar, na parte antropométrica e fisiológica, e pelas professoras dos examinandos com a assistência das técnicas de ensino, no restante.

Há dois livros de mérito, em nossa língua, sôbre a psicotécnica, os quais recomendamos às sras professoras: Assistência Psicotécnica, de Raul Rocha, e Técno-Psicologia do Trabalho Industrial, de Leon Walter, dos quais nos ajudamos nesta exposição. O primeiro é da Editôra Nacional, e o segundo da Melhoramentos.

Raul Rocha, no primeiro dos livros citados, recomenda mais de uma dúzia de fichas para a preparação da ficha final. Como o nosso, no entanto, seria um trabalho de menos fôlego e de utilidade imediata, podemos reduzí-lo. Adotariamos então, uma única ficha, escrita de ambos os lados, e cujo modêlo passaremos adiante.

Além das indicações que daremos é imprescindível que a ficha contenha um espaço em branco para registrar os testes aplicados e seus resultados, e as experiências feitas com aparelhos. Há aparelhos para registrar a percepção das distâncias em função da velocidade; para determinar a destreza; para determinar a capacidade de automatização; com relação à visão, para determinar campo visual, acuidade cromática; para determinar a fadiga, aptidões técnicas, aptidões manuais, rapidez de reações nervosas e psíquicas. Aparelhos simples e complexos.

Com êsses aparelhos, e inicialmente sem êles, com a aplicação de testes especiais, teremos os resultados desejados. Entre os testes mais citados por Leon Walter, podemonos referir aos de habilidade manual, como os de Pontuação (Binet-Vachide(— marcar pontos num papel quadriculado, partindo ora da direita, ora da esquerda; e do Enfiamento de contas (Descoeudres) — enfiar 30 contas, de um modo especial, com tempo de duração; o de Recorte (Claparéde-Walter) — recorte de gregas e onduladas; o de cavilhas, etc.

Ainda é a revista do Idort que nos dá, em seu número 140, o resumo de um trabalho do Professor de Psicologia da Universidade de Edinburgo, em que se recomenda o emprêgo dos seguintes testes a crianças egressas da escola primária, para orientação:

— a bateria de testes de inteligência linguística de Kuhlmann-Anderson.

— testes individuais de inteligência prática: o Oakly Formboard, o Kch's Block, testes de desenho e o teste de construção de cubo.

— a bateria de testes coletivos de habilitação manual, o teste de juntar e desfazer parafusos e porcas e o testes de tábuas de cavilhas;

— o teste coletivo de aptidão mecânica de Cax.

— os testes de daltonismo e um questionário de escolha de profissões.

Propomos também os testes de coordenação psico-motora, ídeo-motora, etc., sôbre os quais não nos precisamos alongar por estarmos tratando com professoras competentes, cujos estudos de psicologia experimental já lhes têm apresentado. Os testes, mormente os de inteligência, lhes são familiares. Chamamos a atenção para o fato de que, embora aplicados continuamente na vida escolar, não se tiram conclusões práticas e profissionais dêsses testes de inteligência. E quando há conclusões, morrem dentro da escola, não acompanham o aluno. Em nossa ficha êles devem estar presentes. Em matéria de conclusões citemos um exemplo: é muito comum falarem de reflexos condicionados, mas não há conclusões sôbre os mesmos nem aplicação profissional, nem a atenção para o fato de que os podemos suscitar para o exercício de certas funções.

Terminando, passemos ao nosso tipo de ficha, que deve ter os seguintes elementos:

Ficha

Nome ..... Indice de robustez.....
Enderêço ..... Indice de resistência.....
Vida escolar .....
.....
Em que matéria, ou matérias, obteve mais êxito ?.....
Qual é sua preferência profissional ? .....
Atração pelo material de trabalho (pedras, madeira, plásticos, metais, fibras, etc) .....
Atração pela natureza do trabalho (trabalhos manuais, industriais, ofícios, emprêgos, etc.) .....
Exame de vista ..... Daltonismo?.....
Exame dos ouvidos .....
Audição no meio do ruído ? ..... Distinção de ruídos anormais no meio de ruídos normais ?.....
Reconhecimento da direção do ruído?..... Aptidão para trabalhar no ruído ? .....
Exame táctil .....
Perturbações da palavra ? .....
Antecedentes médicos pessoais .....
.....
Contra-indicação médica (discriminar o mal e para que espécies de trabalho) .....
.....
A que sugestão melhor obedece? (Punição, ameaça, animação, persuasão, etc.) .....
Nível intelectual .....
Memória visual, auditiva ? .....
Resistência à fadiga muscular ?..... Nervosa ? .....
Capacidade de automatização ? .....

E' possível que achem excessivas as perguntas, mas é o mínimo possível. As últimas perguntas se filiam apenas a 4 espécies psico-profissionais, mas achamos que é preferível a sub-divisão à conglomeração. Cada pergunta obedece a uma possível indicação para o empregador.

Quanto à primeira objeção, que será forçosamente a de que o patrão não entenderia semelhante ficha, respondemos que as informações são de tal caráter que têm um mínimo inteligível a todos. Por exemplo: contra-indicação médica para certas profissões, proveniente de lesões cardíacas, pulmonares, ou de outras origens; surdez parcial ou total; distúrbios de visão. E ainda graus de inteligência, aptidões, preferências, etc., de modo fàcilmente inteligível. Quando os patrões tiverem capacidade para compreender totalmente uma ficha psicotécnica, então terão seus laboratórios experimentais para conferir a ficha escolar.

Importará êsse em trabalho de inteligência, de psicologia, e requererá boa vontade principalmente. Um pouquinho de revisão nos estudos de psicologia experimental e todos estarão aptos a fazer tal trabalho, que, repetimos, é trabalho de patriotismo.

Como complemento a essas pesqui-

Psicotécnica

Aquisição de ritmo ? .....
Rapidez passiva dos movimentos ? .....
Fôrça muscular ? .....
Coordenação de movimentos ? (destreza) .....
Coordenação óculo-motora ? (precisão) .....
Finura de discriminação sensórial? .....
Rapidez de associação sensório-motora? .....
Capacidade de atenção vigilante ? .....
Rapidez de reação psico-motora ? .....
Facilidade de associação psico-motora? .....
Aptidão para transposição psico-motora ? .....
Modalidade mnésica ? .....
Capacidade de atenção expectante, concentrada ou distribuída ? .....
.....
Capacidade de atenção interna? .....
Memória associativa ? .....
Imaginação dinâmica ? .....
Representação mental ? .....
Julgamento causal e lógico concreto ? .....
Inteligência verbal, numeral, técnica ou prática ? .....
.....

TESTES APLICADOS

Discriminação e resultados .....
.....

(Espaço em branco).

(Carimbo da escola, data e assinatura).

---

sas, recomendamos visitas semanais às fábricas, oficinas, escolas experimentais e a todos os estabelecimentos que possam dar idéia de profissão aos alunos. Como diz a Escolástica, "ninguém ama senão aquilo que conhece". Ora, como hão de ter preferências profissionais, ou tendências vocacionais, aquêles que de profissões conhecem unicamente as do âmbito familiar ?

Sras. Profesosras, nós lhes trouxemos uma sugestão. Mas não é apenas uma sugestão — é um apêlo. Os nossos meninos saem diretamente das escolas primárias para as fábricas, sem preparação, sem orientação, desprotegidos inteiramente. Não sabem o que querem. Sabem somente que precisam trabalhar para ajudar a família. Mas não têm estabilidade e peregrinam de fábrica em fábrica. Aos poucos, nesse aprendizado intermitente e variado, é que vão solidificando princípios, métodos ou costumes de trabalho.

Que a escola primária crie nossas crianças, a "mentalidade de eficiência" a que nos referimos. E se tiver bastante coragem, e patriotismo, apoie a sugestão da ficha psicotécnica para orientação de nossa infância tão cedo lançada ao trabalho.

OS CURSOS NA FAZENDA ESCOLA DO FLORESTAL

A Escola Agrícola de Florestal funciona como uma divisão da Fazenda Escola e se destina à formação de trabalhadores rurais, adiministradores de fazendas e auxiliares de orientação, formando para isso conhecimentos racionais de agricultura e pecuaria, ministrados de maneira essencialmente pratica.

Esses cursos diferenciam-se pela duração e pelas materias estudadas, podendo ser classificado em: curso individual, curso de três meses e curso de um ano.

O curso individual pode variar em duração de uma semana a três meses e se destina aos empregados de fazenda que desejem praticar em trabalhos agrícolas, tratamento de animais ou pequenas industriais ligadas ao meio rural.

Nele, os alunos recebem os ensinamentos indispensáveis ao controle de produção, alimentação racional, adubação, laticinios e prática de contabilidade agrícola.

Por ai se pode conhecer melhor a finalidade desta Fazenda Escola, que assim prepara homens con hecedores dos modernos e eficientes processos do trabalho agrícola, imprimindo feição inteiramente nova à vida rural mineira.

O curso de três meses proporciona conhecimentos mais completos dos assuntos constantes do programa acima mencionado e é destinado aos empregados de fazenda e filhos de fazendeiros, sendo feita a indicação dos assuntos que deverão estudar, pelo próprio fazendeiro que os recomenda.

O curso de ano, mais longo, e por isso mesmo mais completo, é teorico-prático e destina-se à formação de administradores de fazendas. Começa a 1.° de Agôsto de cada ano e termina a 15 de Junho. Para a admissão às suas aulas, o candidato deverá ser filho ou empregado de fazendeiro e encaminhado por fazendeiro registrado na Secretaria da Agricultura, ter mais de 14 anos de idade, gosar de perfeito estado de saúde e submeter-se a exame de português, aritmética e noções de ciência naturais.

Esses conhecimentos tornam-se indispensáveis ao aprendizado mais profundo, porque durante um ano agrícola de permanência da Fazenda Escola esse aluno vai aprender o uso de máquinas e a agricultura racional, efeitos químicos da adubação, razões cientificas da alimentação racional, contabilidade agrícola mais desenvolvida, cálculos de rendimentos de culturas agrícolas, aproveitamento do material humano no trabalho e várias outras noções indispensáveis ao aproveitamento da fazenda como fonte de renda e meio de exploração industrial.

A parte referente aos ensaios de miscegenação de raças e técnica de cruzas, também se destina a incutir nesses alunos que observam o difícil trabalho dos técnicos, esse espírito científico sobreposto ao intuito dos lucros imediatos, e que permite a realização da obra persistente de aperfeiçoamento dos nossos rebanhos num sentido de rendimento maior e de seleção de qualidades mais próprias às nossas condições, por meio de uma adaptação lógica, perseverante e segura.

A educação e o tempo

De Celso KELLY

E' a mais íntima e estreita a relação entre a educação e o tempo. Cada época, determinando suas características define e modela, a seu modo, a sociedade. E o problema educacional, que está em função dessas predominantes sociais, traduz, nitidamente, em suas preferências e em suas soluções, o espírito do tempo.

A história da humanidade, através de milênios, marca os períodos de grandeza e decadência de povos e nações, assinala a natureza dos recursos de cada período, realça as organizações, os costumes e os hábitos desta ou daquela centúria, e, sobretudo, reflete a mentalidade das épocas e as suas influências de ordem geral.

Ora, o predomínio das castas, dando apenas aos aposentados o privilégio da cultura. Ora, o temor de ilustrar as mulheres que, segundo os hindús, uma vez letradas, não obedeciam nem trabalhavam... Ora, a submissão ao poder místico das crenças, erigindo a educação de um povo nos textos sagrados, buscando aos Vedas, quatorze séculos antes de Cristo, os ensinamentos básicos... Ora, a submissão com que a China formava seu povo sob as declarações de Confúcio: "o céu, o rei dos mestres, nos deu a Natureza: a conformidade com êle é o dever: o meio de o conseguir é a educação". Ora, os assirios, com a deusa da educação. Ora, os persas, impondo a educação em nome do Estado. Ora, a surpreendente cultura e civilização dos egípcios. Todo o panorama que dêsses povos arcaicos se estende até os nossos dias, serve para mostrar as variedades e diversificações da sociedade, em sua evolução orgânica.

Na educação, refletem-se essas mudanças, lentas em certos períodos, mas definidas e bruscas nos tempos modernos...

sxmç...°s srhd shr shr shr shrsss

(Do livro EDUCAÇÃO SOCIAL)

COLEÇÕES DE "EDUCANDO"

1940 - 1941 - 1942 - 1943

Acham-se á venda coleções de "Educando" dos anos de 1940, 1941, 1942 e 1943

SÃO OS SEGUINTES OS PREÇOS ESTIPULADOS

Coleção - números separados . . . . - Cr $25,00

Coleção - encadernada em percaline - Cr $35,00

Números avulsos . . . . . - Cr $ 3,00

PEDIDOS PARA ESTA REDAÇÃO

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita dèpósitos nas seguintes contas

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —